

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

EU SOU AQUILO QUE CONSEGUI FAZER COM O
QUE FIZERAM DE MIM: (Sartre).
HISTÓRIAS DOS MENINOS COM VIVÊNCIA DE
RUA NO MUNICÍPIO DE ARAGUARI.

MARIA ANTÔNIA RODRIGUES CAMPOS

MARIA ANTÔNIA RODRIGUES CAMPOS

EU SOU AQUILO QUE CONSEGUI FAZER COM O
QUE FIZERAM DE MIM:
HISTÓRIAS DOS MENINOS COM VIVÊNCIA DE
RUA NO MUNICÍPIO DE ARAGUARI.

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para
obtenção do título de Bacharel em História,
sob orientação da Profa Jacy Alves Seixas.

Uberlândia, Julho de 2005.

FICHA CATALOGRÁFICA

CAMPOS, Maria Antônia Rodrigues, 1973.

Eu sou aquilo que consegui fazer com o que fizeram de mim: Histórias dos meninos com vivência de rua no município de Araguari.

Maria Antônia Rodrigues Campos – Uberlândia, 2005.

72 folhas

Orientadora: Doutora Jacy Alves Seixas

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Palavras-chaves: 1. menor 2. rua 3. marginalidade social

MARIA ANTÔNIA RODRIGUES CAMPOS

EU SOU AQUILO QUE CONSEGUI FAZER COM O
QUE FIZERAM DE MIM:
HISTÓRIAS DOS MENINOS COM VIVÊNCIA DE
RUA NO MUNICÍPIO DE ARAGUARI.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jacy Alves Seixas - Orientadora

Profa. Dra. Cristina da Silva Roquette Lopreato

Profa. Dra. Flávia Teixeira.

Dedicatória

Neste momento tão significativo de minha existência, como poderia deixar de agradecer?

Impossível não voltar o olhar ao céu, rendendo graças à Deus por mais uma etapa vencida!

Diante deste sentimento de gratidão que de mim toma conta, não perdendo de vista a impossibilidade de prestar homenagens diretas a todas as pessoas que me cercam e dispensam carinho, amor e atenção, eis que decidi lembrar algumas das tantas que marcam presença em meu viver.

Meu histórico de vida se inicia com a história de amor dos meus pais: Uvalto e Maria Eunice e, portanto, como não podia deixar de ser, começo por estas duas criaturas lindas, as quais devo tudo que sou, e por quem alimento profundo orgulho, agradecendo por serem as pessoas íntegras, abdicadas e companheiras que são, e por terem se feito presentes a todos os momentos de minha existência, mesmo naqueles que até eu mesma, gostaria de ter me ausentado.

Tendo em vista a família grande e unida que formamos, meus irmãos merecidamente precisam ser reverenciados, pois cada a um a seu modo, muito contribuiu, incentivando, demonstrando interesse, enfim, dando o suporte emocional que tantas vezes necessitei.

Dizem que muito ajuda quem não atrapalha, mas prefiro dizer que muito ajuda quem se coloca do nosso lado na batalha da vida, e assim, meus sobrinhos Letícia, Camila, Guilherme e Giovanna foram peças fundamentais, pois muitos foram os momentos em que tudo que precisava era de alguém que oferecesse um sorriso ou um convite irrecusável a algazarra e a alegria tão próprias da adolescência e da infância, que têm o poder de devolver a vontade de viver, e isso eles o fizeram com maestria, revigorando-me a cada novo dia.

Agradecer aos amigos, que ingrata tarefa esta! Eles são tantos, e todos eles com sua importância e valores próprios, que fica difícil não ser injusta, ou conseguir fazer jus aquilo que são para mim. Consciente da impossibilidade desta missão me aventuro a citar alguns dentre os muitos que trago comigo naquilo que sou, e entre eles Cláudio, Gustavo, Júlio César, Juliana, Ana Paula, Zenir e o sempre eterno Rafael.

Lembro com gratidão especial alguns colegas de curso, que dentro em breve constituirão comigo uma nova geração de historiadores, e entre eles André, Deivid, Neila, Patrícia e Rafael, que muito mais do que colegas, se tornaram amigos essenciais a minha história, dividindo comigo as alegrias e angústias, os sucessos e fracassos, enfim, fazendo com que a vida se tornasse mais leve, alegre e interessante.

A todos, os meus sinceros agradecimentos!

Maria Antônia

“Amigos são anjos que ajudam a nos manter de pé, quando nossas asas têm problemas em se lembrar como voar”.

Agradecimentos

Agradeço de modo muito especial à minha orientadora, Prof. Jacy Alves Seixas pela confiança depositada, pela paciência e atenção a mim dispensadas, pelos incentivos e críticas apresentadas a este trabalho.

A todos os professores do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia que muito contribuíram para o meu processo de formação, porque souberam dividir conhecimentos e me permitiram aprender um pouco mais.

Ao historiador e amigo Zenir por todo o carinho e atenção, bem como pela valorosa colaboração para esta pesquisa.

A João Batista, secretário do Instituto de História, a quem durante os cinco anos de curso pude recorrer sempre que surgia alguma dúvida de caráter prático e burocrático, contando com sua atenção e simpatia.

E finalmente, a todos os colegas e amigos de curso que muito contribuíram para o processo de conhecimento.

Sumário

Introdução.....	09
01 O mundo dos meninos.....	16
02 O espaço da casa X o espaço da rua.....	32
03. A rua no imaginário dos garotos.....	51
Considerações Finais.....	66
Referências Bibliográficas.....	71

À procura de uma criança

*Andei por muitos lugares
À procura de um menino cidadão...
Fui às escolas, a suas casas, a um campinho de várzea qualquer;
Olhei quintais, calçadas, ruas sem asfaltos,
Sempre em busca de crianças saudáveis e livres
Com suas bonecas e carrinhos de plástico,
Brincando de amarelinha e de esconder,
Pulando corda ou elástico.*

*Infelizmente não encontrei esta criança.
E, sim, um vendedor de chiclete
Sendo chamado de pivete...
Um engraxate, um lavador de carros, uma prostituta,
Alguém que rouba para comer,
Que cheira cola para esquecer
Que não tem direitos, nem deveres...
Que apanha por deixar feia a cidade
E representar a injustiça da sociedade.*

*Entretanto, também encontrei pessoas
(E agora sou uma delas).
Que acreditam num futuro melhor para tais crianças
E contribuem para a sua cidadania, defendendo suas vidas...
Pessoas que procuram a transformação social
De uma imensa comunidade,
Onde haja justiça e solidariedade.*

Cristiane Ribeiro Gonçalves

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar o mundo dos meninos com vivência de rua no município de Araguari, buscando desvendar sobre o cotidiano dos mesmos, conhecendo quem são e como vivem os garotos que ficam expostos durante boa parte de seu tempo nas ruas da referida cidade, tentamos revelar quais as expectativas que trazem consigo, quais as imagens que fazem de si mesmos, e ainda, como são tratados pelo conjunto da sociedade. Questionamos também, acerca dos significados que a rua adquire na vida dos meninos, porque entendemos o espaço urbano como universo amplo e complexo de sociabilidade, caracterizando-se por uma multiplicidade de sentidos e significados para os garotos que travam contato direto com as ruas, quer seja a trabalho ou a diversão.

Introdução

Dentre tantos outros fenômenos atuais, algo que sempre me instigou profundamente, diz respeito ao drama social experimentado pela infância e adolescência pobre, que vivenciam o processo de marginalização social típico da sociedade capitalista, que é marcadamente caracterizada pela desigualdade e pela exclusão social. De modo gritante a sua situação se tornou visível, pois na luta por sobreviverem cada vez mais crianças e adolescentes encontram na rua o espaço de possibilidades para se manterem e tentarem diminuir as mazelas as quais são relegados, lutando pelo mínimo de condições que lhes devia ser garantido por uma sociedade mais justa e menos desigual, que oferecesse possibilidades de dignidade de vida a todos indistintamente, o que faria com que a infância e a adolescência pobre não tivessem que ganhar as ruas e ficarem exposta como chagas evidentes do processo de exclusão, nem tão pouco fossem intitulados como “meninos e meninas de rua”, mas sim concebidos como crianças e adolescentes que por se tratarem dos cidadãos do futuro devem ter garantida a possibilidade de construírem suas vidas convenientemente às suas expectativas, tendo o direito de sonhar e realizar.

A situação dos meninos com vivência de rua concretizou-se enquanto objeto de pesquisa, de forma gradativa, pois ao longo de toda a minha vida sempre me indignei com a diferença constatada entre as formas de tratamento e condições que são disponibilizadas às crianças “bem nascidas”, o que equivale dizer às crianças oriundas de famílias ricas ou de classe média e aquelas crianças “filhas da pobreza”, os meninos que não tiveram a sorte de desfrutarem das regalias e dos direitos que deveriam ser concedidos universalmente, mas que numa estrutura social que se organiza de modo a privilegiar aqueles que têm dinheiro em detrimento daqueles que são expropriados deste, vivem como seres condenados à exclusão e à marginalidade social, marcados pelo abandono, pelos maus tratos, pela violência, indiferença e falta de oportunidades.

Nos últimos tempos, enquanto pensava em algo que pudesse ser por mim contemplado como tema para monografia, eis que o fato de ter que me deslocar diariamente entre a cidade de Araguari e Uberlândia para estudar, terminou contribuindo para a decisão e escolha sobre a atual situação da infância e adolescência com vivência de rua em Ari - Araguari, pois como transeunte entre os dois municípios,

durante as viagens, tendo como perspectiva de entretenimento a paisagem contemplada pela janela do ônibus, foi possível observar com mais atenção aquilo que a maioria da sociedade insiste em ignorar, fechando os olhos da alma para cenas constantes, onde crianças e adolescentes expostos à sua própria sorte, estendem suas mãos vazias em busca de uns trocados ou oferecem insistentemente a infinidade de coisas que vendem. Não deixando de reparar e me indignar não somente com a realidade desses meninos, mas, sobretudo, com a reação das pessoas no tocante aos meninos que vivem ou trabalham nas ruas. Todos os dias, nas idas e vindas pelo centro urbano de Uberlândia, as cenas se repetiam e os meus companheiros de viagem, a exemplo do conjunto da sociedade pareciam adormecidos e cegos diante de uma realidade que se tornou tão corriqueira a ponto de nem sempre ser vista, mas pelo contrário me pareceu ter sido banalizada em decorrência da frequência com que tem sido exposta aos olhos da sociedade, que parece conferir normalidade ao fato de que esses meninos tenham as ruas como única possibilidade de vida e trabalho.

Algo também bastante intrigante na observação dos meninos pelas ruas de Uberlândia diz respeito à constatação de uma diversidade de realidade entre a cidade onde estudo e aquela onde moro, pois durante as viagens, enquanto em Uberlândia esses meninos eram facilmente vistos se fazendo figurinhas batidas, rostos por mim já reconhecidas antes mesmo das paradas do ônibus nos semáforos, em Araguari logo de antemão os meninos que atentamente passei a buscar não eram vistos. Curiosa, comecei a me perguntar acerca da existência dos “meninos de rua” em Araguari, e aprofundando as observações, concluí que esta cidade como um município que não se enquadra nos parâmetros de um grande centro urbano, pelo contrário, constitui-se numa pequena cidade interiorana, onde o tráfego, a movimentação de pessoas é menos intensa do que em Uberlândia, haja vista tratar-se de uma cidade de pequeno porte, torna menos visível a exposição dos meninos, que então não são vistos diurna e noturnamente nas ruas com a mesma frequência com que depara com os mesmos nas grandes cidades, o que a princípio fez com que conjecturasse a não existência de menores pelas ruas da referida cidade.

No intuito de localizar os “meninos de rua” em Araguari, estes foram encontrados sim, só que mediante outros parâmetros e locais que não os semáforos e praças da cidade, onde normalmente são detectados nas cidades maiores. Tal constatação permitiu que eu não me rendesse diante de uma tendência a homogeneizar,

a simplificar o “ser menino de rua” em Araguari, tal qual, ou genuinamente idêntico ao vivenciar a experiência de ser menino de rua em qualquer outro município.

Não dá para pensar a situação da infância e adolescência pobre araguarina absolutamente diversa do restante da realidade brasileira, uma vez que o processo de exclusão social não se configura numa realidade restrita às grandes metrópoles, mas num fenômeno extenso também a esta cidade, que é influenciada por uma dimensão social mais ampla, o que termina por lhe inferir uma realidade histórica que não é constituída aleatoriamente ao processo de marginalização social gestado pela desigualdade e injustiça social próprias do sistema capitalista, ou seja, está vinculada ao contexto histórico vivenciado no país e no mundo. No entanto, esse tipo de abordagem do local em sintonia a um contexto maior, não implica necessariamente que as peculiaridades, as especificidades da realidade histórica vivida pelos meninos pobres araguarinos devam ser menosprezadas, mas pelo contrário devem ser buscadas e evidenciadas à luz das experiências vividas por eles na cidade.

Partindo dessa concepção, sai à caça deles, encontrando-os tanto na periferia da cidade, quanto no centro urbano, só que não limitados aos sinaleiros ou praças, mas vistos com frequência trabalhando como engraxates no mercado municipal e na rodoviária, bem como nas portas de bares e restaurantes localizados nas ruas centrais da cidade, e ainda vigiando carros nos estacionamento de igrejas, festas e demais eventos, assim como vendedores ambulantes dos mais variados produtos, tais como picolés, doces, salgados e outros, e até mesmo cometendo pequenos furtos a lojas e outros estabelecimentos comerciais, ou esmolando àqueles que cruzam seu caminho, enfim, numa série de locais os quais foram concebidos por eles como possibilidades mais eficientes de realizarem seus trabalhos e de se manterem nas ruas, mesmo sob o risco de serem pegos pelo Conselho Tutelar ou pela Delegacia da Infância de Araguari, que insistem na tentativa de retirar esses meninos das ruas.

Observando mais atentamente, foi possível constatar que a maioria das crianças e adolescentes desta cidade, não mora nas ruas, mas trabalha e esmola nestas, mas que isso não significa que em Araguari não exista meninos de rua, porque o fato de estarem nas ruas durante boa parte de seus dias e noites, os coloca em contato com uma realidade que equivale a viver integralmente na rua, pois esses meninos ao passarem parte significativa de seus dias e de suas vidas nos seus locais de trabalho, desenvolvem relações entre si e com o mundo à sua volta a partir da representação que a rua adquire para eles.

Neste cenário de observação, evidenciou-se que em meio a uma realidade tão adversa – seja trabalhando ou esmolando, esses meninos riem, brincam e se divertem como se estivessem em casa, envoltos em suas brincadeiras, protegidos pelo aconchego do lar. Diante disso, comecei a questionar sobre os significados da rua para esses indivíduos, que parecem fazer desta, seu espaço não somente de sobrevivência, mas também de sociabilidade, local de amizades e diversão.

Com este trabalho pretendo discutir sobre a situação e a vivência dos meninos nas ruas da cidade de Araguari, pois acredito que a partir das reflexões que objetivo realizar sobre “o trabalhar, o pedir e o estar nas ruas”, ou seja, sobre a dimensão, os significados e a representação da rua para os garotos que passam tempo significativo de suas vidas nestas, esta pesquisa pode cumprir com meu anseio de ver modificado esse quadro social tão caótico e injusto, pois ao diagnosticar quem são os meninos, como vivem e sobrevivem nas ruas, constatando seus pensamentos, suas expectativas, seus desejos, seu universo social, bem como são vistos e tratados pela sociedade e ainda sobre como eles próprios interpretam suas vivências na rua, creio poder diagnosticar e levantar problemas que por ventura componham as razões motivadoras da ida desses garotos para as ruas, propondo possibilidades de transformação social, uma vez que o refletir pode significar um repensar, e este por sua vez pode implicar na viabilização de ações sociais efetivas que reorientem as políticas e condutas sociais voltadas aos menores em situação de risco.

Incomodada com uma realidade social onde intensa e progressivamente cada vez mais tem crescido os índices, que fria e estatisticamente registram o drama social vivido cotidianamente pelas crianças e adolescentes que fazem ou são levados por sua situação de vida - que nem sempre permite outras possibilidades, a fazer da rua seu espaço não somente de sobrevivência, mas também de lazer, sociabilidade, pois envoltos em relações sociais travadas debaixo de marquises e de árvores, defronte de estacionamento de restaurantes, bares, festas, igrejas, os meninos que elegem ou se vêem obrigados a eleger a rua como local de trabalho, de amizades, de brincadeiras e de camaradagem, quero com este trabalho contribuir de algum modo, levantando a bandeira da necessidade de ações efetivas de melhores condições de vida para a infância e adolescência, evitando, pois, a ida dos nossos meninos para as ruas.

Pelas esquinas da vida, a tragédia tempos atrás denominada “menores abandonados”, hoje se reveste da faceta mundialmente conhecida e difundida como o fenômeno dos “meninos de rua”. Cansada de compactuar com uma tendência social que

insiste em conformar-se com esse cenário de horror, longe de pretender responder a todos os questionamentos e problemas que por ventura discutamos neste trabalho, minha intenção, aqui, é levantar as cortinas, deixando à mostra a situação vivida pela infância e adolescência inserida no contexto e na realidade das ruas araguarinas. Com a missão de ter ido ao encontro dos meninos pelas ruas para ouvi-los, pretendo desvendar o panorama vivenciado todos os dias por aqueles que mesmo estando em meio às ruas, livres de qualquer proteção, parecem não serem vistos pelas pessoas em decorrência de uma banalização da injustiça social.

Obstinada a não mais engrossar as fileiras de um exército de cidadãos que se portam como cegos que vêem, o que equivale dizer, que fazem vista grossa ou viram as faces rumo à direção oposta às mãos que lhe suplicam moedas, comida ou roubam suas carteiras, enveredei por rios, ou melhor, por ruas que me conduzissem conhecer e revelar não somente os meninos, mas também o valor da rua em suas vidas, porque de tal modo, ao inverter a lógica da indiferença, mirando bem nos olhos destes garotos acredito ser impossível continuar com a recusa em questionar e refletir as razões de suas idas para as ruas, quer sejam de natureza familiar tais como brigas, desavenças com parentes, quer sejam ainda motivadas por conflitos afetivos de qualquer ordem ou ainda por razões materiais justificadas pela necessidade premente de dinheiro, que independente de julgamentos devem ser pensadas, discutidas e quiçá evitadas.

Meu intento ao desenvolver tal pesquisa foi alcançar a subjetividade dos meninos de rua, permitindo que por meio de entrevistas se pudesse vir a conhecer mais sobre esses meninos que se encontram cotidianamente em contato com a rua. Para tanto, foram realizadas 12 entrevistas durante os meses de janeiro a março de 2005, com crianças e adolescentes compreendendo uma faixa etária entre os oito e dezoito anos de idade. Os entrevistados foram todos do sexo masculino¹, divididos em dois grupos, de acordo com a possibilidade de localização dos mesmos. Sendo assim, entrevistei um grupo de seis meninos que atuam como “flanelinhas” - vigias de veículos em diversos pontos da cidade, tais como no estacionamento da Paróquia São Judas Tadeu, diante do bosque e ainda no estacionamento do cemitério municipal. O outro grupo de entrevistados é composto por seis adolescentes que são assistidos por um órgão público

¹ No tocante ao fato dos entrevistados serem todos do sexo masculino é preciso destacar que, tal escolha se deu em decorrência de que durante o trabalho de campo para realização desta pesquisa, somente foi possível encontrar três meninas inseridas no universo da rua, e mesmo quando encontradas, estavam sempre acompanhadas de garotos, que eram seus parentes, como, irmãos ou primos. Uma das prováveis explicações, para tanto, é que sobre as meninas recaem quase sempre os afazeres domésticos, ou seja, o mundo da casa, ou o mundo da prostituição, mas isso constitui pressuposto para um trabalho posterior.

da cidade, o COMEN – Conselho Municipal do Menor que tem como função atender menores em situação de risco social em virtude de contato com a rua e tudo o que ela representa.

As entrevistas com os garotos flanelinhas foram feitas nos próprios locais de atuação dos mesmos, requerendo, portanto, que fosse feita uma busca dos lugares de trabalho mais comuns entre os meninos vigias de veículos, com o intuito de estabelecer o contato e a aproximação necessários à viabilização das entrevistas, ou seja, a permissão e colaboração dos garotos no sentido de aceitarem falar comigo sobre suas vidas e experiências travadas no âmbito da rua. Assim sendo, embora tenha levantado vários outros locais de concentração dos flanelinhas na cidade, decidi centrar foco nos meninos que fazem ponto nos estacionamento defronte à Paróquia de São Judas Tadeu, diante do bosque e do cemitério municipal. Já as entrevistas com os adolescentes assistidos pelo COMEN, por motivos de elo para contato, bem como de segurança necessária à preservação da minha integridade física, foram feitas nas instalações do prédio onde funciona o SESI em Araguari, com prévia autorização da presidente do COMEN e da gerência do SESI para realizar as entrevistas durante o período de aula dos meninos, haja vista, que o SESI em parceria com a prefeitura, mais especificamente com o COMEN oferece um curso semestral de eletricista industrial, aos garotos que são atendidos pelo referido órgão municipal, com isenção da mensalidade cobrada ao restante dos alunos.

Considerando que a legislação referente à criança e a adolescência proíbe a divulgação dos nomes assim como das imagens dos meninos, enfim, de qualquer coisa que possa identificar diretamente os mesmos, permitindo unicamente a divulgação das suas iniciais, optei pela utilização de pseudônimos, ou melhor, por apelidos, que os próprios entrevistados atendendo a um pedido meu, durante nossas conversas inventaram (quando da impossibilidade de se utilizar os seus próprios apelidos, em virtude de não possuírem, bem como, em razão da possibilidade de futuros inconvenientes com o emprego fidedigno dos mesmos) ou ainda, quando de fato me contaram seus reais apelidos, em razão de julgarem inexistir prováveis complicadores quando da divulgação destes. Preferindo algo mais pessoal para identificá-los do que meras iniciais, optei por uma tendência que prima por concebê-los como sujeitos, pessoas com personalidade, identidade próprias, que a utilização das iniciais pareciam vir a ocultar mediante uma frieza e indiferença com os meus interlocutores.

Assim sendo, passo a apresentar-lhes as crianças e os adolescentes que conheci e acompanhei por alguns meses, e com os quais pude conversar e estabelecer algum contato. Os meus entrevistados foram os meninos: Tim, Cabeçudo, Finim, Jacks, Eltim, Celim, Bina, Sacanete, Véio, Chulé, Mané e Naudin. Em decorrência de haver similitudes entre as histórias de vida registradas nas doze entrevistas, algumas delas, mais especificamente os depoimentos dos seis primeiros meninos citados, são utilizadas de modo mais efetivo e direto neste trabalho, o que não significa que as demais entrevistas tenham sido desconsideradas, pelo contrário, muito contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa no sentido de reforçarem alguns pressupostos investigativos.

No primeiro capítulo procurei compartilhar um pouco do que foi possível conhecer sobre a vida dos meninos antes do contato deles com a rua, deixando fazer ecoar através de suas falas, quem são e como vivem os meninos que trabalham, perambulam e pedem nas ruas de Ari, denunciando como vivem e interpretam suas experiências, como vêm a si mesmos, a sua situação e qual a leitura que fazem do mundo ao seu redor.

No segundo capítulo, tentei iniciar uma reflexão acerca da dimensão que o espaço da rua adquire na vida dos meninos e, para tanto, confrontei-o com o espaço da casa, porque acredito que os significados dos dois espaços são constituídos a partir da importância e valor que o outro adquire na história dos habitantes da rua, enfim, o sentido simbólico da rua é construído de acordo com o que o universo da casa representa para a vida dos garotos, bem como o significado da casa é forjado a partir do valor da rua.

No terceiro e último capítulo aprofundei mais diretamente na discussão iniciada no capítulo anterior, ou seja, sobre o espaço da rua, mas, no entanto, centrando foco mais especificamente em reflexões sobre os significados, a representação da rua para os meninos com vivência de rua. Assim sendo, questioneei sobre as imagens, as visões e expectativas construídas pelos meninos sobre a rua, tentando desvendar a representação da rua em suas trajetórias de vida.

Capítulo 1

O mundo dos meninos

Quem são e como vivem os meninos? São indagações com as quais convivi durante todo o tempo de desenvolvimento desta pesquisa sobre a infância e adolescência com histórico de vivência de rua no município de Araguari. E assim sendo, neste primeiro capítulo, a tarefa consiste em tentar revelar sobre este “universo” de vida dos garotos, ou melhor, quem são e como vivem essas crianças e adolescentes que fazem das ruas seu *point* de trabalho ou vivência.

Decidida a compartilhar um pouco do muito que representou a experiência de ter podido conhecer os meninos, adianto logo de antemão, que para além do conteúdo gravado nas entrevistas que embasam este trabalho, também se faz presente muito do que foi possível absorver, apreender quando o gravador não se encontrava em atividade, ou seja, em conversas informais que buscavam uma relação de proximidade e confiança com os entrevistados, bem como mediante observações sistemáticas aos garotos, de modo que a subjetividade e a realidade dos mesmos pudessem vir à tona não somente por meio de suas falas, mas também fosse revelada a partir de seus gestos, comportamentos, linguagens, enfim, de tudo que permitisse vir a conhecê-los melhor e profundamente.

Foram realizadas entrevistas com garotos que têm entre oito e dezoito anos de idade, se tratando, portanto, de crianças e adolescentes, haja vista que o Estatuto da Criança e do adolescente - ECA considera como criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos.

Os entrevistados foram separados em dois grupos, sendo que um deles é composto por meninos que trabalham como vigias de carro, os comumente conhecidos como “flanelinhas”, que atuam em diferentes pontos da cidade. Esse grupo é constituído por meninos com idades bastante variadas, comportando desde crianças com oito anos até adolescentes com quase dezoito anos. O outro grupo é formado basicamente por adolescentes, com idade mínima de quinze anos e máxima de dezoito. São meninos que são assistidos pelo COMEN – Conselho Municipal do Menor, um órgão que atende crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco social, em consequência de um histórico de vivência de rua. Os adolescentes que integram este grupo, ao

contrário dos vigias de carro, não têm uma ocupação definida para estarem nas ruas, mas vagam, berambulando soltos e descompromissadamente. São em sua maioria considerados menores infratores, haja visto que o processo de atendimento à menoridade infratora em Araguari, tem como ponto de partida para sua instauração, a efetuação de BO – Boletim de Ocorrência comprovando envolvimento dos menores com prática criminosa ou infracional. Os meninos deste grupo são garotos que foram autuados em virtude de pequenos furtos, assaltos à mão armada, brigas de rua, envolvimento com drogas e participação em gangues e, por isso, estão sob regime de liberdade assistida, função que o COMEN desempenha mediante o atendimento direto a tais meninos e suas respectivas famílias, buscando a readaptação dos mesmos. Fazem parte deste grupo, simultaneamente, alguns meninos que trabalham como flanelinhas e que, inclusive, já haviam sido entrevistados como tal. Assim sendo, nem todos os garotos assistidos pelo COMEN foram ouvidos, mas apenas seis dos quinze atendidos no momento, uma vez que os demais tinham sido enquadrados no grupo dos flanelinhas que foram ouvidos nos seus locais de atuação, tais como estacionamento de igrejas, defronte ao bosque e diante do cemitério municipal.

No decorrer da pesquisa foi possível compreender que o trabalho como vigia de carro tem sido atualmente considerado como ato infracional pelos órgãos públicos competentes da cidade, com embasamento no ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, a partir de interpretações que caracterizam a atuação dos flanelinhas como situação de risco, alegando que os menores geralmente estão fora da escola ou envolvidos com drogas. A promotora de Justiça e curadora da Infância e Juventude na cidade de Araguari, Cristina Fagundes Siqueira, em reportagem ao “Jornal Gazeta do Triângulo” de circulação local, no dia 01 de abril de 2005, ela alerta:

“Temos aí duas contravenções penais, mendicância e vadiagem. Quando o menor fica sem cumprir os seus deveres de estudar, e se tiver mais de quatorze anos, pode trabalhar como aprendiz ou como efetivo, se tiver mais de dezesseis anos, para estar à toa na porta de estabelecimentos vigiando veículos ou pedindo dinheiro, está cometendo essas duas infrações”.

Podemos apreender que é exatamente neste sentido que o trabalho do COMEN vem cumprir com esta proposta embasada em tais argumentações jurídicas e sociais, uma vez que o dito órgão municipal visa evitar e combater as tentativas de ida e permanência dos meninos nas ruas araguarinas sob quaisquer alegações, tendo, pois,

como alvo, todo e qualquer menor que esteja exposto a situações de risco em virtude do estabelecimento de vínculos com a rua.

Sem fazer juízo de valor acerca do que expõe a promotora de Justiça, já que não privilegiamos discutir sobre estas crianças e adolescentes serem ou não infratores, mas sim tendo como intento desvendar a realidade do conjunto dos meninos que por ora vos apresento, prefiro enveredar por discussões que permitam dizer, que não há como negar, que os meus interlocutores, ainda que não possam ser considerados como menores abandonados em decorrência de que todos eles têm casa e mantêm vínculos com suas famílias, estes vivenciam uma condição que pode ser comparada à situação vivida por “meninos de rua”, ou seja, por meninos que moram nas ruas, uma vez que estes sujeitos que vivem em situação de risco estão expostos ao perigo das drogas, da violência e do conseqüente caminho para a marginalidade, tanto quanto aqueles que vivem permanentemente nas ruas. Por mais que possa parecer contraditório, sustento que os meninos que não moram definitivamente nas ruas, mas sim que fazem destas um prolongamento de suas casas, passando horas a fio nestas, vivenciam uma situação equivalente ao “ser menino de rua”, como exposto em seus depoimentos sobre o seu dia-a-dia e o tempo que passam na rua:

“Eu fico na rua, né, fico só na rua, saio de manhã e volto lá em casa só dez, onze hora da noite, isso se eu não vará à noite”. Jacks²

“Agora é onze hora? Pois é, nós tá indo agora, e fica lá até cinco, seis hora. Isso por causa que é feriado, porque durante a semana nós vai cedinho e volta mais ou meno meio dia”. – Tim e Cabeçudo.³

Neste íterim, devemos considerar que o fato deles estarem ou trabalharem integralmente, ou por um único período do dia nas ruas, os expõe a situações e riscos, bastante semelhantes, quiçá idênticos àqueles aos quais estão imersos os meninos que preferiram ou se viram obrigados a fazer definitivamente das ruas suas casas, mesmo havendo a diferença, que no final do dia estes não tenham pra onde e nem pra quem voltar, enquanto que os outros, aqueles que o contato fez com que eu passasse a me referir aos mesmos, como “os meus meninos”, em algum momento voltem pra suas casas e para os seus.

² Adolescente de dezesseis anos, assistido pelo COMEN.

³ Tim e Cabeçudo são tio e sobrinho com treze e oito anos de idade respectivamente, que vigiam veículos no estacionamento do bosque – entrevista feita no feriado de sexta-feira santa.

Considerando o que HUTZ & KOLLER definem enquanto situação de risco e comportamento de risco:

“Uma criança será considerada em situação de risco quando seu desenvolvimento não ocorre de acordo com o esperado para sua faixa etária de acordo com os parâmetros de sua cultura. Os riscos podem ser físicos (doenças genéticas ou adquiridas, prematuridade, problemas de nutrição, entre outros), sociais (exposição a ambiente violento, a drogas) ou psicológicas (efeitos de abuso, negligência ou exploração). O risco pode ser originado por causa externa ou interna. As causas externas relacionam-se às condições adversas do ambiente. Comportamentos de risco referem-se a ações ou atividades realizadas por indivíduos que aumentam a probabilidade de consequências adversas para seu desenvolvimento ou funcionamento psicológico ou social ou ainda que favorecem o desencadeamento ou agravamento de doenças”.⁴

Faz-se necessário esclarecer que meninos de ambos os grupos relataram que atualmente fazem ou já fizeram uso de drogas, e que correntemente expliquem o envolvimento com drogas como decorrente de suas vivências de rua, parecendo relacionar o estar, o ficar na rua como ambiente propício e até responsável por determinados comportamentos e, sobretudo pelo vício. Foi possível perceber uma tendência maior entre os garotos assistidos pelo COMEN, onde com exceção de um único caso, todos os demais deixaram claro que eram ou já foram usuários de algum tipo de droga, e coincidentemente quase todos haviam começado sua trajetória de vício cheirando tiner, depois fumando maconha, e só posteriormente chegaram ao craque e à cocaína.

Levando em consideração o fato deste grupo ser composto com unanimidade por adolescentes que possuem um histórico maior de vivência de rua, enquanto o outro ser constituído também por crianças que ainda experimentam um contato inicial com o mundo da rua, essa tendência seja reveladora no sentido de remeter a um processo de amadurecimento do estar na rua, com um conseqüente e progressivo envolvimento em atitudes ilícitas e infracionais, como se a rua exigisse ou viabilizasse um determinado perfil de comportamento e adequação que se constrói contínua e progressivamente ao longo do tempo que se passa na rua.

⁴ HUTZ, Cláudio Simon & KOLLER, Silvia Helena. Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. Pág. 177, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S1413-29X1997000100011 Acesso em 12/10/2004.

“Ficava na rua, né, na rua conversando com uns amigo meu lá, aí eu envolvi, comecei até mexê com droga, parei.(...) Eu comecei com o tiner, depois maconha. Eu cheguei a experimentá outras, mas só que mais lá pra frente mesmo”. – Celim⁵

É interessante destacar que sempre que falei com os meninos atendidos pelo COMEN, algumas vezes eles se referiam às suas situações de rua, de vício e de infração, como se estas fizessem parte do passado, o que é compreensível já que estavam sob regime de acompanhamento assistido e, talvez por isso, precisassem se mostrar recuperados, adequados às condutas esperadas e tidas como aceitáveis. Até que ponto isso fosse verdade, não objetivávamos descobrir, importando apenas, ainda que por meio de alusão ao passado ou com referência à realidade atual, esses meninos permitissem que conhecêssemos o seu viver, o estar na rua e o valor da rua em suas vidas. E isso eles o fizeram, reportando o tempo todo as suas experiências de rua, mesmo que procurando as desvincular a esse seu suposto passado:

“Ah, eu ficava o dia inteiro, varava a noite, mas a rua é melhor durante o dia, porque à noite ocê faz coisa que... Igual, mexê com droga, né. Eu mexi muito, agora graças à Deus eu parei”. Celim.

Embrenhando na realidade de vida dos entrevistados, que a partir de então passo a apresentar mais intimamente, podemos dizer, que o conjunto destas crianças e adolescentes têm em comum além da vivência de rua, o fato de que podem ser sintetizados como sendo “os filhos da pobreza”, uma vez que vivenciam o processo de marginalização social gestado pelas contradições do sistema econômico e social hegemônico, que expressa as desigualdades que cria, via intensificação dos problemas e conflitos de ordem social, como o fenômeno que nos atrevemos investigar, já que cotidianamente, intensa e progressivamente cada vez mais, crianças e adolescentes buscam nas ruas a solução para a falta de expectativas e oportunidades as quais estão relegados, constituindo-se no que se convencionou rotular como “meninos de rua”, um mal social que nas últimas décadas adquiriu dimensões catastróficas em todo o mundo.

Os garotos que conheci são filhos de famílias pobres, cujos pais sobrevivem de trabalho pouco qualificado, atuando como pedreiros, domésticas, lavadeiras, padeiros, bóias-frias, lavradores ou vivendo de aposentadorias, e até mesmo da mendicância. O

⁵ Celim é um adolescente assistido pelo COMEN.

montante dos entrevistados são todos do sexo masculino, e com exceção de dois únicos casos, são em sua maioria de cor negra. São com unanimidade, moradores de bairros periféricos, cuja maior parte da população é considerada pobre, tais como os bairros Santa Helena, Maria Eugênia, São Sebastião, São Judas Tadeu e Santa Terezinha, que são rotulados como locais extremamente violentos e com problemas de segurança pública.

Foi possível perceber entre o conjunto dos meninos, um alto índice de evasão escolar, sendo que parte considerável deles abandonou os estudos evadindo das escolas que freqüentavam, bem como ainda, um déficit no nível de escolaridade daqueles que se encontravam matriculados, havendo um descompasso muito grande entre a faixa etária e a série que cursam, onde existem adolescentes com dezessete, dezoito anos, que fazem à sexta ou sétima série. Quando perguntados sobre as razões do abandono ou da repetência escolar, evidencia-se por parte da maioria, um nítido desinteresse pelos assuntos relacionados à aprendizagem escolar, mas, sobretudo, suas falas dimensionam as suas presenças na rua como elemento detonador dos motivos para não estarem estudando ou se encontrarem atrasados na escola, seja explicando a incompatibilidade de ritmo e horário de quem trabalha na rua, ou ainda revelando que deixaram de estudar porque a rua se constituiu em atrativos mais interessantes que a escola podia oferecer.

“Não, os professor até que era bão, era eu mesmo. Não era o que eu queria. Não, porque eu parei, né. Eu comecei faltando demais, matando aula e aí eu já não fui mais, foi aí que eu parei de vez. Eu ia pra praça cheirá ou fumá maconha. No começo esse era o horário às vez, que eu ficava mais tempo na rua, era a hora que eu matava aula”. - Jacks

A partir do que diz Jacks um adolescente de dezesseis anos que parou de estudar na sexta-série, podemos entender que mesmo quando esses meninos revelam ter consciência da necessidade de estudar, eles relutam ao máximo a fazê-lo, por isso Jacks mesmo tendo dito que pretende voltar a estudar, não parece nada motivado a efetivamente vir a fazê-lo, adiando sempre e o mais possível esta decisão para o futuro:

“Eu não acho que a minha vida mudou em nada nesses dois ano que eu parei. Vai é piorar né, mais pra frente não vou tê estudo, uai! ...Às vez a gente tá lá sentado, a mãe começa a falá, né, pra começá a estudá, que no futuro sem estudo não vai ter serviço, aí a gente começa a ficá preocupado. Como é que vai viver? Na roça? Na roça não tem jeito de trabaiá não.(...)”

Não, eu vou voltá a estudá, esse ano que vem, por causa que agora já começô, né, não adianta mais. Já tem quase um mês de aula”.

Outro ponto que deve ser levado em consideração consiste no fato de que muitas vezes, as condições materiais de estudo a esses meninos são dificultadas, haja vista a situação financeira da família que os obriga a trabalharem para complementarem e até manterem as despesas emergenciais da casa, relegando a segundo ou último plano a possibilidade de estudo, que quase sempre se inviabiliza por uma série de fatores e nunca em virtude de um único complicador, ou seja, pode ser que aliado a dificuldade material esteja o desinteresse e o descaso com a educação, porque mediante tantas coisas mais urgentes a escola passa a ser vista como supérflua ou sem sentido, o que pode ser pensado sobre a fala de Finim, um adolescente de dezessete anos que trabalha aos domingos como flanelinha no estacionamento da Paróquia São Judas durante as missas do período da manhã e também da noite. Ele diz se arrepender de ter abandonado a escola e que sempre tenta voltar, mas que é difícil, porque para que isso possa acontecer, ele precisa comprar os materiais escolares, mas que o dinheiro ganho na rua também tem que dar para ajudar em casa.

*“No final do dia dá pra tirá vinte, vinte e cinco real. (...) Com esse dinheiro eu ajudo dentro de casa, comprá mantimento, arroz, feijão. E tô tirando o dinheiro de hoje e de amanhã pra mim comprá os material. Eu ainda não comecei a freqüentá as aula, porque não deu pra comprá, eu vou começá segunda”.*⁶

No entanto, é bom frisar que embora Finim tenha dito que começaria a freqüentar a escola na segunda-feira da semana que se iniciava no dia da entrevista, passado mais de um mês, quando em virtude de tê-lo reencontrado no COMEN, já que era assistido pelo referido órgão, ele me relatou que ainda não havia começado a estudar.

Foi primordial a contribuição da leitura do trabalho de Raquel Neves Matos⁷ para o deslanchar desta pesquisa, pois este aborda a problemática do adolescente em situação de risco social e da criminalidade em Uberlândia – mais especificamente tratando das histórias de vida dos adolescentes internos no CISAU – Centro de

⁶ Entrevista realizada numa manhã de domingo, mais precisamente, dia 14 de fevereiro de 2005.

⁷ MATOS, Raquel Neves. Pela paz que eu não quero seguir admitindo: Histórias de vida de adolescentes internos no CISAU. Monografia. Uberlândia: UFU, Instituto de História, 2003.

Integração Social do Adolescente de Uberlândia, onde a autora ao evidenciar o cuidado que o pesquisador deve ter em não fazer generalizações decorrentes de possíveis comparações entre as diversas entrevistas que realiza, desperta para o fato de que ao trabalhar com jovens que fazem parte de uma mesma categoria social, devemos estar atentos em não traçarmos perfis generalizantes sobre os entrevistados, de modo a não construirmos uma faceta geral que estigmatize e caracterize esses meninos enquanto seres exatamente iguais, homogeneizados, só porque os jovens que priorizamos ouvir neste trabalho se tratam de crianças e adolescentes que têm em comum o fato de compartilharem experiências bastante próximas, senão semelhantes, vividas no âmbito da rua.

Tal fato não pode implicar que façamos deles menores sem características particulares, incapazes de viver, interpretar e lidar com os acontecimentos e com a experiência de passar tempo relevante de suas vidas na rua, de modo próprio, específico e particular de cada sujeito.

Nesta perspectiva, no tocante a individualidade dos sujeitos e a relação desta com o desenvolvimento das entrevistas realizadas com indivíduos de um mesmo grupo social, Raquel Matos alerta os pesquisadores no sentido de que, por mais que para efeito de análise se formule quadros comparativos do conjunto dos elementos levantados nas entrevistas, implicando que se trabalhe a partir da análise das semelhanças que possam se apresentar numa dada categoria social, não devemos ter como intuito traçar perfis e tentar montar uma “cara coletiva” para o grupo de entrevistados, pois incorremos no risco de instituir uma tipificação, um padrão, um modelo psíquico, comportamental, que rotule e caracterize de modo abrangente o montante dos indivíduos do grupo analisado. No tocante a estrutura familiar dos “meus meninos”, é preciso destacar que quase sempre, eles não convivem com pai e mãe sob o mesmo teto, havendo situações em que um deles se encontra ausente em virtude de falecimento, abandono de família ou divórcio, e ainda porque muitas vezes os garotos são frutos de relacionamentos que não terminaram em casamento ou união estável, que possibilitasse o convívio diário dos pais com os filhos. Assim sendo, houve muitas referências à existência de padrastos e madrastas convivendo diretamente no lar e até mesmo assumindo o papel de seus verdadeiros pais, quer seja afetiva ou materialmente.

Partindo, portanto de uma abordagem que prima por não expropriar esses garotos de suas subjetividades individuais, de suas maneiras próprias e específicas de enfrentar a vida e o trabalho na rua, foi interessante os depoimentos dos meninos sobre

suas famílias, acerca das suas condições concretas de vida e, sobretudo, sobre o relacionamento entre os membros de suas famílias, porque ao perpetrarmos mais intimamente seu complexo universo, terminamos refletindo sobre como cada um deles, de modo próprio, particular, interpretou, elaborou e lidou com as suas condições de pobreza, com a falta, a saudade que sentiam de seus pais ausentes, bem como a mágoa de seus pais pelas falhas cometidas na forma de tratar e se relacionar com eles.

São muitas as histórias por meio das quais estas crianças e estes adolescentes explicam seus contextos de vida, bem como suas trajetórias de passagem da casa à rua. Suas falas remontam os conflitos em família como brigas entre os pais, alcoolismo, a existência de padrastos e madrastas, as surras, o envolvimento com drogas, a carência material e afetiva como elementos importantes que precisam ser considerados nesse processo de ganhar as ruas. Neste sentido, por mais que algumas vezes haja pontos de convergência entre os depoimentos, também existe o diferencial porque cada sujeito a seu modo encara de maneira bastante particular, os problemas, as situações nas quais se vêm envolvidos. Por isso, durante as conversas mesmo quando dois adolescentes como foi o caso de Finim e Jacks, falam sobre sua condição de vida, em que ambas as histórias são marcadas pela pobreza, e ainda sobre seus pais, podemos perceber que os depoimentos diferem pela forma como cada um dos dois percebeu e enfrentou o problema.

Jacks como já foi dito anteriormente, é assistido como menor infrator pelo COMEN, por que além de fazer uso de drogas, também teve problemas de brigas com envolvimento em gangues de rua, e embora tenha contado com detalhes os assaltos à mão armada que cometeu nos últimos tempos na cidade, revelou não ter sido apreendido nenhuma vez em razão disso. Sua fala remete a uma estrutura familiar caracterizada por relacionamentos conturbados, agitados, desde sua infância, quando ainda vivia com pai e mãe sob o mesmo teto, porque atualmente Jacks disse morar apenas com sua mãe, seus dois irmãos e uma sobrinha, isso, após seu padrasto ter sido preso por tentativa de homicídio, em virtude de ter tentado esfaquear Jacks e seu irmão, numas das muitas brigas entre o padrasto e seus enteados. O menino contou que enfrenta a realidade de vício já a algum tempo:

“Ah, eu fumei uns quatro ano, desde os doze ano de idade eu comecei fumar. Foi desde que a minha mãe foi embora de casa. Quando fez um ano que ela foi embora eu comecei a cheirá tiner, fumar maconha”.

Quando fala sobre as razões motivadoras dessa sua relação com a rua e conseqüentemente com as drogas, Jacks associa motivos de ordem material, como a pobreza na qual sua família se encontrava imersa, à razões de caráter emocionais, mais especificamente o momento quando sua mãe, pondo fim ao seu casamento, se viu obrigada a abandonar a casa e deixar os filhos entregues à responsabilidade do ex-marido, tentando deixar pra trás um passado, ou melhor, um relacionamento de quinze anos, que segundo Jacks, fora marcado por miséria, conflitos e violência no convívio com o pai de seus filhos, um homem cujo filho define como sendo um alcoólatra, que constantemente batia na mulher e nos filhos por causa do vício, bem como não garantia o sustento adequado da família porque sucumbisse todo o rendimento de seu trabalho como padeiro, em bebedeiras intermináveis. Quando questionado sobre sua infância, sobre quais os sentimentos que dominavam sua relação com seus pais, Jacks desabafa:

“Nossa relação sempre foi agitada, né, a minha vida inteira. Agora é que tá melhorando. Tá melhorando agora. Toda a vida é só miséria, é briga do meu pai e da minha mãe, apesar de que o meu pai trabalhava e tudo, mas bebia tudo o dinheiro. Ele era padeiro, salgadeiro e confeiteiro, ele ganhava bem, seiscentos real, mas bebia tudo na cachaça, moía tudo. (...) E a falta de dinheiro complica tudo, até assim, com o pai e a mãe da gente complica, né. (...) Às vez ocê qué alguma coisa, ocê é menino e a gente não entende, ocê qué e eles não dá, porque não tem. ... O meu pai é um cara memo, que nunca deu um calçado pra nós, nem uma bala, nada! Eu andava descalço. Faltou comida, teve dia lá em casa que não tinha nada assim, oh, pra ninguém comê. E isso só quem sentiu na pele. Ai às vez eu também robava um trem aqui outro ali, mas no começo era pouca coisa. (...) É ruim demais lembrá disso. Hoje memo eu por mim nem tenho ele como pai não, não dá nada uai, pai é aquele que cria. Igual o meu padrasto lá, oh. Eu tenho um padrasto lá, que ele assim, ele é grilado, mas dava de tudo pra nós, nunca faltou nada lá dentro”.

Este depoimento suscita pensar como Jacks enfrentou a situação de pobreza, bem como os conflitos familiares, uma vez que ele pelo menos a princípio tenta explicar o seu envolvimento com drogas em razão da fase em que se sentiu abandonado pela mãe, tendo que conviver com um pai difícil na ausência da mãe, momento em que estaria mais suscetível à rua e à influência da mesma porque não tivesse nada que o motivasse a ficar em casa, pelo contrário pretendesse fugir, ficar o mínimo possível em contato com o pai, bem como relaciona a sua condição enquanto menor infrator como decorrente de

uma necessidade quase natural de sobrevivência, conseguindo por meios ilícitos o que não lhe era oferecido em casa.

Este adolescente ao expor a mágoa que sente do pai pelos maus tratos e pela miséria que viveu, termina revelando a imagem que se constrói acerca da figura paterna como provedor das condições concretas e materiais de existência, de modo que não consegue ver seu pai biológico como tal, até mesmo contraditoriamente concedendo o posto de pai – provedor, ao padrasto que em determinado momento teria perdido a cabeça e pretendido lhe tirar a vida, mas que mesmo assim, segundo Jacks, ainda se encaixava melhor no protótipo de pai que seu imaginário exigia. Essa recusa em aceitar as falhas, o erros de seu pai, parece evidenciar como Jacks se sentia emocionalmente com relação ao mesmo, pois, uma vez perguntado sobre o tratamento dos pais para com este, vem essa deixa:

“Eu me sentia amado pela minha mãe, pelo meu pai não. Minha mãe gosta demais de mim. Meus outros irmão meu, nenhum é igual eu, nunca usou droga, nunca fumou nada, só eu, e ela fala: ocê é o menino que eu mais amo e ocê é o que mais me faz chorá. Eu só o que mais dá trabalho pra ela e o que ela mais gosta, é eu. Ela fala memo pra mim. (...) Não, meu pai é ruim demais, né. É porque ele fala né, que a mãe dele mandou ele embora cedo de casa e ele começou a trabaia com sete ano, ele acha que a gente tem que ser igual ele, mas não é assim não, ninguém é igual. Minha mãe falava pra ele: não, o que ocê não teve tem que dá pra eles. O que a sua mãe não te deu ocê tem que dá pra eles, e ele não pensava assim não. Ele falava: eu não tive isso e ocês também não vai ter. Era desse tipo”.

À propósito das razões motivadoras de saída da casa dos meninos para as ruas, HUTZ & KOLLER escrevem:

“Do ponto de vista emocional, a saída de casa pode representar o fracasso total do apego que um indivíduo tinha com as pessoas de sua família e desta para com ele. A falta de proteção, o sentimento de rejeição, a aparência de abandono que a criança vai revelando a cada dia na rua o confirmam. A ausência de cuidados de um adulto responsável que a ame, em quem ela possa confiar, com o qual se sinta segura e se identifique, podem ter profundas implicações no seu desenvolvimento emocional. Ironicamente, a história relatada pelas crianças sobre a sua vida antes de sair de casa revelam a ausência deste apego e alta frequência de riscos a que estava exposto dentro de sua própria casa, junto de sua família. No estudo de Reppold e colaboradores (1997), as crianças revelam que estes riscos precipitaram ou forçaram a sua saída para a rua. As

crianças revelam que suas casa são mais punitivas, hostis, perigosas e as rejeitaram. Seus pais são descritos como ausentes, doentes, desinteressados, abusivos e/ou violentos”.⁸

Podemos considerar que talvez Jacks de fato tenha encontrado razões para buscar refúgio na rua, de todo o contexto que pretendia esquecer que vivia em casa, mas isso, discutiremos mais profundamente no próximo capítulo, importando no momento, pensarmos que por mais que suas razões pareçam justificáveis, o próprio entrevistado afirma que seus irmãos que compartilhavam da mesma situação não enveredaram pelos mesmos caminhos, ou melhor pelas ruas e tudo o que elas vieram a representar em sua vida. De modo que, a reflexão recai sobre maneiras diferentes de elaboração e enfrentamento de situações semelhantes, ou seja, no fato de que nem todo mundo que experiencia uma realidade de miséria e desamor, encontrará no furto ou no suposto companheirismo dos integrantes das gangues, alternativas para superar tal situação, pois como nos inspira Sartre, onde ele diz: *“Eu sou aquilo que consegui fazer com o que fizeram de mim”*, conjecturamos, que afinal, cada um a seu próprio modo interpreta e lida de maneira particular com o mundo a sua volta.

Neste sentido, vale a pena pensar como Jacks ao analisar a sua infância percebeu as situações que experimentou e ainda vivencia quando comparado a outros garotos da sua idade:

“Não, a minha vida tá melhor agora, antigamente não era não. Se pegá tudo o que eu já vivi de dificuldade e tudo, é lógico que teve coisa boa também, né. Teve, sempre tem, mas se compará com a vida de outros menino que tinha a minha idade, mas tinha outro tipo de família... Não porque tem muitos que nasce já melhor, né, não falta nada. Ai a gente fica até meio assim, fala: uai, mas o quê isso, porque que eu nasci assim? Porque comigo não deu certo e com ele deu, tem tudo, estuda até hoje, os cara faz faculdade, faz computação e nós não faz. Agora que nós tá tendo essa oportunidade aqui, de fazê esse curso e mexê nos computador”.

Jacks pensando sobre a falta de oportunidades que marcou a sua vida, acaba remetendo a uma situação que a maioria da população pobre vivencia, onde as possibilidades de uma formação satisfatória não é extensa a todos indistintamente, mas segregada a uma minoria em razão das desigualdades sociais, mas, no entanto, simultaneamente sua fala permite refletir sobre como essa parcela da população se

⁸ HUTZ, Cláudio Simon & KOLLER, Sílvia Helena. Op. cit, p. 188.

comporta diante deste quadro de injustiça social, lutando e resistindo ou se conformando a exclusão que insiste em paralisar e fazer calar a todos.

De fato Jacks demonstrou ter uma visão de mundo que lhe permite enxergar o contexto social a sua volta, mas infelizmente isto não possibilitou que ele travasse uma luta contra a falta de possibilidades, tentando reverter ou ao menos amenizar a sua situação, mas pelo contrário, pelo que disse parece ter se rendido diante das dificuldades, se colocando enquanto única vítima de uma realidade ampla e geral, não conseguindo entender que não se trata unicamente de uma questão de sorte, porque “o dar certo” ao qual ele se refere, prescinde muitas vezes da superação dos desafios que se entropõem, e que inclusive aqueles indivíduos que ele julga já terem nascido numa condição melhor de existência, talvez ainda que com menos dificuldades que ele e o conjunto dos entrevistados, tenham empreendido exaustivo combate rumo à concretização de suas expectativas de vida e futuro. O fato é que ao culpabilizar a pobreza, a falta de amor ele se esquece, que de alguma forma ele poderia ter feito a diferença, pois somos todos responsáveis pelas escolhas e decisões que tomamos.

Nesse jogo de encarar os problemas, as situações de pobreza, o depoimento de Finim, um adolescente de dezessete anos de idade que trabalha a quatro anos como vigia de veículos no estacionamento da Paróquia São Judas, e é simultaneamente assistido pelo COMEN em virtude de envolvimento em brigas de rua, viabiliza pensarmos como cada qual a seu modo interpreta a realidade e a vida, porque ouvindo Finim acerca de como ele e sua família vivia, este me relatou de modo muito sereno e resignado sobre as dificuldades que compõem seu universo. Ele disse que vive com a mãe e dois irmãos numa casa pequena, que ele logo adiantou que é alugada, razão pela qual constantemente sua família é obrigada a se transferir de casa, sem, no entanto, saírem das imediações do bairro São Judas Tadeu, local onde ele sempre morou, conhecendo a maioria dos moradores.

Quando instigado a falar sobre o destino que dá ao dinheiro fruto de seu trabalho como flanelinha, Finim disse que ele, assim como os dois irmãos pouco mais novos, que também são vigias de carros no mesmo local que ele, ajudam nas despesas básicas de casa, porque esta se constitui a fonte de renda da família, uma vez que sua mãe estivesse desempregada. Assim sendo, ele deixa claro que a rua se concretizou numa possibilidade de garantir a sobrevivência, mas também curiosamente acaba revelando a rua como local de divertimento, distração e amizades, o que pude comprovar durante o tempo de realização da entrevista que foi feita nas calçadas de uma

das ruas próximas da igreja onde trabalha, onde a todo o instante passava algumas pessoas que o cumprimentavam como velhos conhecidos e outros com mais intimidade como colegas e amigos, que ele orgulhosamente me dizia que era o fulano, o ciclano, que quase sempre ele disse que conhecia da rua.

Finim embora de maneira diversa de Jacks, porque aparenta carregar menos revolta e também se sinta tão responsável quanto sua mãe pela situação que compartilham, também revela viver as mazelas da pobreza, mesmo que sua expressão demonstrasse se envergonhar disso:

“Tem dia que não tem muito o que comê não, aí a gente tem que enganá o estômago, até ganhá mais dinheiro, trabaiaando ou pedindo. Tem vez que é difícil, ou paga o aluguel e fica sem comê, ou não tem onde morá”.

Com relação ao fato de Finim não ter em momento algum mencionado a existência do pai, até que eu o perguntasse sobre sua infância, se constata o quanto esse é um assunto que possui importância em sua vida. Quando falava da época de criança, de como era o relacionamento com as pessoas da sua família, eis que nas suas memórias acerca de como eram os natais do menino Finim, ele ressalta:

“Nos natal, nos aniversário pra os menino pobre é triste né, por causa que a gente não ganha nada. Pra mim era pior ainda, porque eu lembro que eu pedia de presente, que eu queria conhecê meu pai, mas isso não acontecia nunca. Aí era triste, eu pensava que Deus não gostava de mim. (...) Eu só conheci meu pai agora, tem um ano e pouco, porque ele sumiu quando a minha mãe ficou esperando eu. (...) Mas é bão tê pai, só que ele mora em Uberlândia, eu vi ele duas vez aqui”.

Diante do que me disse, Finim não culpa nem ao menos espera que o pai cumpra com seu papel de provedor, pelo contrário tudo o que ele sempre quis foi conhecer o pai que o havia abandonado. Outro ponto intrigante no seu depoimento foi com relação a sua mãe, porque ele tentou omitir o tempo todo o fato dela na maioria das vezes também trabalhar como flanelinha, acompanhando e subordinando os filhos em seus ofícios. Mesmo quando eu insisti em saber sobre a profissão de sua mãe, porque já soubesse em virtude das observações que preliminarmente havia feito ao grupo de flanelinhas do São Judas, quem era aquela mulher travestida de moleque que estava todo o tempo em meio

aos meninos, meio que controlando o trabalho dos mesmos, ou seja, já soubesse de antemão que ela era mãe de três dos adolescentes daquele grupo, e que não só atuava como vigia, mas também comandava o trabalho de mendicância dos filhos e dos demais garotos, funcionando como uma intermediária neste negócio do qual ela sobrevivia, Finim em momento algum explicitou isso:

“Não, ela vem só de vez em quando, porque senão ela fica sozinha em casa. Mas ela não vem todo domingo não. (...) Lá em casa todo mundo se dá dos mais bem, nós conversa sobre tudo com a minha mãe. (...) Ela não fala, mas a gente vê que ela fica preocupada da gente ficá na rua, às vez é por isso que ela vem”.

Por mais que Finim durante a entrevista não tenha dito, não há como deixar de destacar à partir de toda observação e averiguação que foi possível instaurar por meio de conversas informais com os meninos e ainda numa pesquisa aos órgãos públicos municipais, sobre a existência de Eli, (codinome da mãe de Finim) no circuito do trabalho como flanelinha e pedinte. Segundo o que foi levantado junto ao Conselho Tutelar e ao funcionário do COMEN que acompanha diretamente os menores e suas famílias, a mãe de Finim exerce uma influência deveras negativa, junto não somente aos seus filhos, como também diante de alguns outros garotos, porque atua como uma espécie de agenciadora de mão-de-obra infantil, seja intermediando a mendicância e até mesmo o tráfico de drogas na região onde mora, bem como acolhendo em sua casa em dados momentos, crianças e adolescentes vindos de outros municípios com o propósito de atuarem em ocupações como a mendicância e o repasse de drogas. A presença dessa mãe pelas ruas foge totalmente ao padrão de mãe da família tradicional burguês, em razão de que ela não se encaixa no protótipo de mãe que se convencionou formular como aquela que assume quer seja acompanhada de seu cônjuge ou sozinha, as responsabilidades absolutas pelo lar e cuidados com os filhos. Eli se constituiu no único adulto em Ari, que foi possível localizar neste mundo de trabalho reservado preferencialmente às crianças.

Quando digo que Eli não se enquadra no perfil de mãe que habitualmente nos acostumamos a encontrar, não pretendo dizer que ela não cuide de seus filhos, nem tão pouco que não seja responsável pelos mesmos, mas sim que ela demonstra se comportar e estabelecer uma relação de proximidade, mais parecida com a de irmã ou quem sabe de colega de rua dos seus filhos, dividindo com os mesmos não só, toda a

responsabilidade da casa e da sobrevivência, porque pelo que me foi possível vir a saber pelos funcionários do Conselho Tutelar e do COMEN, ela divide e impõe indiretamente aos filhos uma realidade idêntica ao seu próprio passado de infância e adolescência como pedinte que sempre atuou nas ruas de Araguari, se constituindo pois, numa espécie de ex e eterna menina (mulher) de rua. Talvez seja até por isso que Finim encare tão resignadamente o quadro de miséria que o circunda, pois pode ser que fique difícil vislumbrar algo que não aquilo que sua mãe experimentou ao longo de toda a sua vida, e que portanto lhe pareça como a ordem natural das coisas.

O fato dele insistentemente tentar omitir a função de sua mãe como flanelinha, permite algumas interpretações, uma vez que pode estar relacionado a razões de ordem emocional, como constrangimento e recusa em aceitar o fato dela não ter emprego fixo e formal como a maioria dos pais, ou ainda motivos práticos, pois ele podia estar tentando despistar o fato dela também atuar na rua como flanelinha, porque saiba das implicações que isto pode causar a um adulto que além de pedir, incentive ou imponha a menores de idade a mendicância e a permanência nas ruas.

Seja na tentativa de salvar, não entregando a sua mãe, ou se recusando a aceitar com normalidade a presença e companhia da mesma pelas ruas, o depoimento de Finim um garoto de sorriso aberto, porém malicioso, que vive da mendicância, (embora insista que a atuação como flanelinha é uma forma de trabalho), permite entender como o conjunto dos entrevistados normalmente vive, porque evidencia a pobreza como marca indelével do viver do montante destes meninos, bem como ainda, possibilita apreendermos que a decisão e escolha pelas ruas nunca se dá da mesma forma para todos, mas no entanto pelo que foi possível observar, sempre tem as dificuldades materiais como presença garantida entre os múltiplos fatores motivadores de passagem da casa à rua.

Capítulo 2

O espaço da casa X o espaço da rua

Partindo do princípio de que a rua para os “meninos de rua” se constitui no palco onde desenvolvem todo o seu universo de sociabilidade, neste segundo capítulo temos como meta discutir o espaço da rua para os meninos, confrontando-o com o espaço da casa, haja vista, que ambos os significados de tais espaços se constituem à partir do valor e representação que o outro adquire na vida dos garotos, ou seja, o sentido simbólico da rua é forjado mediante o que o espaço da casa significa para o viver dos mesmos, assim como o valor da casa também é elaborado com base na dimensão que a rua representa.

Considerando que a rua é o espaço público onde se desenvolvem as relações entre os mais diversos grupos sociais, sendo local em que os diferentes sujeitos históricos se encontram e travam seus embates, se confrontando, enfrentando e formando sua identidade à partir do contato e exposição que a rua permite e impõe com o outro, é possível dizer, que a rua estabelece fronteiras simbólicas, explicitando as diferenças, as diversidades, o contraditório e o antagônico, como ressalta Paulo Henrique de Deus Vieira:

“Ao observarmos o cotidiano dos meninos, percebemos que o espaço urbano é constituído de dois mundos: o mundo dos que têm e o mundo dos que não têm. A rua – através de fronteiras simbólicas – separa práticas sociais e visões de mundo antagônicas, porém por nela se entrecruzarem às fronteiras entre a casa e a rua, o público e o privado, entre os gêneros, entre a necessidade e a propriedade privada, de uma certa forma também as põem em contato, propiciando o diálogo entre uma sociedade cuja ordem moral é ambígua e contraditória”.⁹

A rua como lugar que é compartilhado por agentes sociais diversos, ao viabilizar o contato, termina evidenciando de modo explícito as desigualdades sociais entre os mais diferentes segmentos da sociedade.

Em Araguari, no âmbito da rua os meninos que por razões diversas decidiram fazer do espaço urbano local, um prolongamento de suas casas, transformando a rua em lugar quase permanente de moradia ou trabalho, se deparam com outras categorias

⁹ VIEIRA, Paulo Henrique de Deus. O processo educativo dos meninos de rua. Pág.35. Monografia. Uberlândia; UFU, Instituto de História, 2005.

sociais, dando visibilidade pública ao contraste de identidades que ganham expressão ali no circuito da rua. Esse hibridismo social tem suas trincheiras escancaradas no confronto aberto que se dá na disputa por espaços não só urbanos, mas também sociais, onde por vezes os meninos demarcam territórios, pontos de permanência e trabalho, buscando um lugar ao sol, a possibilidade de um outro tipo de vida e existência que não a que lhes foram impostas. E nesse sentido, a escolha pela rua talvez represente a recusa, a negação da miséria, da falta de afeto e atenção, a falta de divertimento, enfim, a rua se coloca como alternativa, e por isso, os garotos não medem esforços, pelo contrário, destemidamente enfrentam os obstáculos, transpondo os limites, as fronteiras que se entepõem às suas expectativas e necessidades.

A disputa por espaços na sociedade capitalista tão hierarquizada, jamais se dá de forma pacífica, porque prescinde quebrar, invadir espaços e territórios anterior e preliminarmente estipulados em razão da posição ou papel social que se ocupa na sociedade, implicando, pois, que se transgrida a maneira como estão convencionalmente ordenadas as categorias sociais, uma vez que, como nos adianta Raquel Neves Mattos, a estrutura social atual, estabelece e reserva lugares sociais aos indivíduos de acordo com a condição que ocupa nesta dada sociedade.

“O Estatuto da Criança e do Adolescente e a Declaração Universal dos Direitos do Homem não saiu do papel, um estatuto muito avançado para a realidade brasileira, não funcionando assim, na prática. O ECA universaliza o tratamento de todas as crianças e adolescentes, mas socialmente a prática segrega pobres e ricos. Os meninos ricos chamados jovens, terão condições de freqüentar escolas e de ter acesso aos bens de consumo que desejem; aos pobres, chamados menores, está reservada a rua e tudo o que ela reserva de estratégias de sobrevivência. Ali o mundo do crime é o acesso mais rápido e fácil a tudo o que nossa cultura de consumo obriga a todos desejar. (...) o lugar social da criança pobre no sistema capitalista é muito bem delimitado: ou trabalha para se enquadrar no sistema imposto social e culturalmente ou este sistema trabalha para enquadrar os transgressores da ordem nos lugares que lhe são devidos. Estes lugares devem ser de preferência bem longe dos olhos daqueles que querem consumir sem serem incomodados”.¹⁰

Neste sentido, os meninos ao ocuparem as ruas, praças, travam uma luta contra essa lógica de segregação capitalista, tanto no plano simbólico como concretamente, haja vista, o fato de que na maioria das vezes, à trabalho ou diversão, os garotos se

¹⁰ MATOS, Raquel Neves. Op. cit. Pág. 33.

concentram no espaço urbano central porque procuram por locais com grande fluxo de pessoas, transpondo os limites territoriais que normalmente lhe são circunscritos, ou seja, a periferia, o mundo suburbano reservado a pobreza vítima da marginalização social. De acordo com Raquel Neves Matos:

“Nessa lógica capitalista em que se percebe uma luta muitas vezes simbólica e tantas outras explícita, que se trava entre os que têm e os que não têm, os que podem e os que não podem, dominantes e dominados. Nesta briga, as crianças que têm a sorte de nascer em uma família “ajustada”, (leia-se: em que os pais trabalham e podem lhe dar boas condições materiais de sobrevivência para que ela não precise buscar na rua e consequentemente na criminalidade sua forma de vida, poderão fazer parte da sociedade sem problemas, terão oportunidades de estudar para se qualificar para o trabalho. (...) A própria forma de organização deste sistema cria o que ele esconjura, o pobre, aquele que não pode consumir e que vai por isso ficar “beirando às margens”¹¹.

Também nesta perspectiva, abordando a problemática de ordenamento do espaço urbano pautado na hierarquia social, acrescenta José Queiros:

“(...) essas famílias pauperizadas concentram-se, cada vez mais, nos bairros distantes, que constituem o que um presidente da FEBEM chamou de” periferia da miséria”. As dificuldades econômicas crescentes da classe trabalhadora, decorrentes da política econômica, que vem sendo adotada desde 1964, a especulação imobiliária, que torna as moradias extremamente caras, a busca de um mínimo de segurança por meio da posse de um pedaço de terra, vem empurrando as famílias pobres para os novos bairros, que se multiplicam sem o mínimo de infra-estrutura “¹².

Neste ínterim, a situação em Araguari não se constitui numa exceção, de modo que os meus entrevistados, a exemplo do conjunto da população pobre, têm reservado para si, enquanto espaço de moradia e sociabilidade a periferia, e todo o universo de exclusão social do qual ela decorre. Como ambos os termos “periferia e marginalização”, remetem diretamente à exclusão, a uma idéia de que existe “o dentro e o fora”, permitem refletirmos sobre o significado da exclusão, pois, o que é ser excluído do que senão “estar fora”, às margens? A periferia nada mais é do que a expressão de

¹¹ Ibidem, pág. 34.

¹² QUEIROZ, José J. (org). O mundo do menor infrator – Coleção teoria e práticas sociais. Pág. 51. 3 ed, Campinas: Editora Autores Associados, 1985.

um modelo de segregação social que relega e determina espaços sob a ótica do capital. Não é sem razão, que as periferias são constituídas às margens das cidades, tendo como referência os pontos mais distantes e longínquos dos centros urbanos, pois este é o lugar do mundo dos negócios, onde ferve e gira a dinâmica capitalista que exclui os indivíduos expropriados de capital, de dinheiro a ser injetado nessa roda-viva dos negócios, do consumo, enfim, do capitalismo. Conforme (DIÓGENES, Glória, 1994 p.140), “a pobreza se espalha pelos “vazios urbanos”, por sua periferia, inscrevendo no desenho da cidade uma “horizontalidade dos excluídos”.”

O centro urbano tão valorizado pelo mercado imobiliário, configura, pois, como sendo o coração do mundo do capital, e, portanto, é estipulado como local que deve ser reservado a quem dispõe de dinheiro para consumir, enquanto aos miseráveis, aos pobres cabe o sub-mundo da periferia, lugar que deve se manter distante do centro e dos seus habitantes, para que, de tal modo dificulte e se possível impeça o acesso dos excluídos ao mundo da cidade, do centro, em suma, dos que se encontram inclusos na ciranda capitalista.

Nesse jogo, sob o qual é sedimentada a disputa simbólica entre proprietários e excluídos, as ruas se constituem em fronteiras limítrofes entre a periferia e o centro, espaço de luta entre miseráveis e consumidores, e por isso, toda vez que os habitantes da periferia, mais precisamente os meninos de rua, ganham as ruas e invadem o espaço urbano eles passam concretamente a serem alvos de ataque daqueles que detêm o centro e tudo o que ele representa.

Analizando como se dá efetivamente essa luta entre dominantes e dominados, as reflexões de Aparecida Darc de Souza que aborda a problemática da situação vivida pelas crianças e adolescente pobres em Uberlândia durante os anos de 1985 a 1995, são significativas porque permitem vislumbrar como o embate simbólico – ideológico, se concretiza na prática entre pobres e ricos. Segundo a autora, a partir dos anos 80 foi estrategicamente construído por setores dominantes da sociedade brasileira, o discurso que dimensionava a rua como espaço negativo de socialização daqueles que faziam desta, seu território de vivência e trabalho, ou seja, como lugar de bandidos, de modo que, em geral os meninos de rua são concebidos pela sociedade civil como uma ameaça à segurança pública, como verdadeiro caso de polícia, porque comprometem a ordem e a harmonia social, o que equivale dizer, que dentre as muitas reações da sociedade, tais como o sentimento de culpa, vergonha e piedade para com os meninos de rua, o

sentimento de medo consiste em relacionarem a esses garotos o rótulo, o estigma de pivetes, de trombadinhas, de moleques à assaltantes:

“Uma vez instituída a identificação entre menino pobre e delinqüente, não tardou o processo de criminalização dos meninos de rua, cuja imagem veiculada pela imprensa aparecia associada ao mundo do crime e da violência. Esse processo de “dramatização da criminalidade e da delinqüência” contribuiu para um afastamento social ainda maior entre os filhos das classes médias e altas da infância pobre no país”.¹³

A desqualificação da rua como espaço de socialização, bem como da criança pobre que se encontra na rua, é responsável pelo fato dos meninos de rua, à exemplo de todos os indivíduos que estabelecem um contato mais próximo e direto com as ruas, terem sua imagem relacionada à infração, a ilegalidade e imoralidade, uma vez que todo o seu viver está intimamente ligado à rua, que sob esta ótica da negatividade é concebida pelo senso comum, como estágio de um processo para o crime, sendo percebida pelo imaginário social construído com base na difusão deste discurso da classe social dominante, como ambiente de influência nefasta e perigosa ao convívio das pessoas.

Neste sentido, o fato dos meus entrevistados estabelecerem rotineira e cotidianamente contato com a rua, por tempo bastante significativo de seus dias, permite que seja ali mesmo, no espaço da rua que estas crianças e adolescentes formulem e introjetem a idéia que fazem de si e do mundo à sua volta, uma vez que por se encontrarem imersos num quadro social, em que normalmente são vistos como marginais, porque o senso comum da sociedade conceba os sujeitos que possuem algum tipo de relação com a rua, enquanto indivíduos ligados ao mundo da criminalidade e marginalidade, ou seja, como pertencentes a um sub-mundo, uma espécie de ala negativa dentro do panorama geral da sociedade, em decorrência de uma tendência, que assim como formula Paulo Henrique:

“Grande parte da sociedade alimenta uma idéia estereotipada do espaço urbano como algo movimentado, perigoso, propício a desgraças e roubos, repudiando ainda aqueles locais

¹³ SOUZA, Aparecida Darc de. Capitães do Asfalto: Infância e adolescência pobres na cidade de Uberlândia (1985-1995). Tese de mestrado. São Paulo: PUC, 1998.

ocupados transitoriamente por categorias sociais que ali vivem como se estivessem em suas casas”.¹⁴

Nesta mesma lógica, Damatta ao analisar a violência urbana no Brasil, nos adianta que a imagem social construída acerca da rua como espaço de socialização se opõe a representação que se convencionou formular sobre o espaço da casa:

“Em todo o caso, se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que se soma e define a nossa idéia de "amor", "carinho" e "calor humano", a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao "governo" ou ao "povo" e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso. (...) Não preciso nem acentuar que é na rua que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral (...)”¹⁵.

No decorrer das entrevistas foi relevante a ocorrência de referências a uma visão da sociedade que segundo os meninos, os percebe como ladrões, marginais mirins em potencial, unicamente pelo fato de relacionarem a rua como local negativo, nefasto ao desenvolvimento, personalidade e comportamento dos seus ocupantes, bem como foi possível constatar entre a maioria dos entrevistados uma introjeção dessa imagem negativa sobre os meninos de rua, onde muitas vezes eles parecem querer jogar sobre os ombros de outros companheiros de rua, o peso, o jugo de marginais, pivetes, enfim, os ditos por eles, como os outros moleques. Neste sentido, a fala de Tim quando interpelado sobre como achava que a sociedade percebia os meninos que ficam nas ruas, é bastante esclarecedora:

“Acontece, eu percebo.(...) Não, eles acha que só porque a gente é pobre vai precisá robá. Não uai! Eu acho a maior caretice as pessoa que acha isso, porque a gente nunca roubô nada de ninguém e graças à Deus nunca vai precisá de robá”.

Tim ao falar sobre seu trabalho como flanelinha, termina por nos contar acerca da forma como a sociedade, e ele próprio vê seu trabalho no mundo da rua:

¹⁴VIEIRA, Paulo Henrique de Deus. Op. cit, pág. 34.

¹⁵DAMATTA, Roberto. A casa & a rua – Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Págs. 47-48. São Paulo: Brasiliense, 1985.

“Esse negócio de ficá na rua é difícil, porque eu acho que os outro fala assim: Ah, esse menino desse tamanho ele já tinha que trabaiá e não ficá pedindo dinheiro.(...) Eles não fala, eu é que imagino, pelas cara que ele faz, ele deve tá pensando isso. Mesmo vigiando carro, tem uns bobo que faz isso memo. Tem uns sem educação, eles manda vigiá depois entra no carro e vai embora, não paga, aí é ruim, dá vontade de xingá”.

À partir da fala de Tim é possível constatar certa indecisão quanto ao modo como ele próprio percebe seu ofício, pois ele se contradiz em dados momentos, onde algumas vezes parece relacionar sua atuação como flanelinha enquanto mendicância e não trabalho, já em outras situações destaca que vigiar carro não é o mesmo que pedir. Outro ponto é que ele parece haver introjetado a idéia negativa que a sociedade faz daqueles que ficam ou trabalham nas ruas, de forma que Tim inconscientemente imagina aquilo que possivelmente as expressões das pessoas revelam acerca do que pensam sobre a presença dele na rua. Quando ele acha que as pessoas pensam que ele deveria estar trabalhando e não ficando nas ruas, ele acaba reproduzindo a imagem “do ficar na rua” e do não ter trabalho fixo e formal associado à vadiagem, por isso mesmo, ele a exemplo da sociedade talvez esteja se cobrando trabalho e distância do âmbito da rua.

A visão negativa dos meninos de rua sobre si mesmos se explicita quando alguns meninos fazem a diferenciação entre ser pivete, moleque e ser flanelinha. Como é o caso de quando Tim conta sobre uma confusão entre o guarda do bosque e alguns meninos vigias:

“Tem menino que fica mais na rua pegando trem dos outro, tem uns que robá carro, a porta tá fechada eles quebra o vidro. (...) Esses dia nós levou a culpa. O guarda de lá mesmo do bosque, né? Nós tava vigiando carro lá, chegou um menino grandão lá, moreninho, que tava à toa, só passeando, tacou pedra num vidro, né? O guarda achou que foi nós e quase bateu em nós. Ele gritou, o menino correu e fico nós lá, aí o guarda achou que era nós. Aí ele mandou nós embora e nós teve que ir”.

Se aprofundando ainda mais, Damatta, nos expõe que o espaço da rua se difere do espaço da casa, exigindo inclusive condutas e práticas sociais distintas por parte dos indivíduos tendo em vista que se constituem em espaços com contextos e visões de mundo particulares, esferas de significação divergentes, exigindo éticas, comportamentos e atitudes diferenciadas, uma vez que a casa é um espaço marcado pela

familiaridade, pelo amor, pelo carinho, se vinculando a pessoalidade, pois seus membros se identificam e se reconhecem entre si como pessoas e não apenas como indivíduos, de modo que, a casa permite a existência e a convivência das particularidades, das especificidades próprias de cada elemento do grupo social. A rua, ao contrário se caracteriza como espaço da individualização, lugar que iguala, homogeneiza, descaracteriza enquanto pessoas, alçando todos à condição de indivíduos, que sob o discurso democrático são juridicamente portadores dos mesmos direitos e deveres. Exatamente pelo fato de que no espaço da rua deixamos de ser nós mesmos, reconhecidos enquanto pessoas, arrebutados de tal condição para nos tornarmos apenas mais um no meio da multidão, é que percebemos a rua como diferente da casa e atuamos de maneira distinta entre os dois mundos:

“(...) até hoje a sociedade parece fiel a sua visão interna do espaço da rua como algo movimentado, propício a desgraças e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas como indigentes e tomadas pelo que não são. Nada pior para cada um de nós do que ser tratado como” gente comum”, como “zé-povinho sem eira nem beira”. Nada mais dramático para alguém de “boa família” do que ser tomado como “moleque de rua”; ou para uma moça ser vista como uma “mulher da vida” ou alguém que pertence ao mundo do movimento e do mais pleno anonimato. (...) Tudo isso revela gritantemente como o espaço público é perigoso e como tudo o que representa é, em princípio, negativo porque tem um ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora”.¹⁶

A rua pressupõe a indiferença para aquilo que somos, sentimos e pensamos, de modo que, se no âmbito da casa somos tidos como “alguém” com importância própria reconhecidos pelos laços de parentesco e familiaridade, ao ganharmos o espaço da rua perdemos identidade enquanto seres únicos e particulares, e passamos a ser diferenciados enquanto indivíduos, mediante um número da cédula de identidade, que longe de dizer quem somos de verdade, de nos diferenciar, apenas nos iguala, fazendo com que nos sintamos expropriados de nós mesmos.

Para Damatta, enquanto o mundo da casa é marcado por relações de solidariedade, cumplicidades mútuas, a rua inversamente, ao pressupor a instauração da igualdade entre os indivíduos termina exigindo que haja a competição, a disputa, onde todos supostamente com as mesmas condições de competição, têm que concorrer entre

¹⁶DAMATTA, Roberto. Op. cit, pág. 50.

si, uma vez que, diferentemente do que acontece na casa, as relações efetivadas na rua não se pautam pelo favorecimento, companheirismo e ajuda mútua, enfim, pela calma e tranquilidade, mas sim pela concorrência, contradição e conflito:

“(...) a rua é local da individualização, de luta e de malandragem. Zona onde cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos, conforme diz o ditado tantas vezes citado em situações onde não se pode mais dar sentido por meio de uma ideologia da casa e da família; contextos, repito, onde não se pode mais utilizar como moldura moral a vertente relacional e hierarquizante de nossa constelação de valores. (...) Mas falar que “cada um está por si” equivale a abrir mão de um controle social rígido que de certo modo garante a pacificidade dos ânimos e provê a ordem das coisas. Trata-se de um ditado que apresenta o individualismo e os direitos individuais negativos, ou pelo menos perigosos, próximos do conflito aberto”.¹⁷

As discussões de Marilena Chauí no tocante a questão das formas de violência na sociedade brasileira, dialoga com Roberto Damatta, no sentido de entender o espaço popular também constituído por três dimensões simultâneas: o mundo da casa, o mundo da rua e o que ele chama de outro mundo - que seria a dimensão do sagrado, dos milagres, da justiça final. Segundo ela:

“Na opinião de Damatta, a violência popular – por exemplo, o quebra-quebra, a vendeta ou crime de sangue – seria um esforço para repor a pessoa (identidade moral e familiar reconhecida e considerada) no lugar do indivíduo (o anônimo sem figura, apenas um nome isolado). Pode-se dizer que se trata de um esforço para opor “alguém a ninguém”, ou para reconquistar a personalidade concreta contra a cidadania abstrata. Dessa maneira, a violência seria um duplo movimento no qual a rua passa a ser configurada com os atributos da casa, e a casa aparece com os riscos da rua. (...) Embora estimulante e com o mérito de desvendar a violência contida na cidadania abstrata numa sociedade onde o mundo da casa é oposto ao “mundo da rua”, e embora possamos ver formas de violência que são defesa e resistência contra aquela abstração, entretanto discordamos da análise de Damatta sob um aspecto: o autor descreve o “mundo da rua” como se no Brasil houvesse cidadania plena e universal, ainda que abstrata. Ora, é a dimensão da cidadania que não existe na sociedade brasileira, pelo menos no que se refere às camadas populares”.¹⁸

¹⁷ DAMATTA, Roberto. Op. cit, pág. 47.

¹⁸ CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência – aspectos da cultura popular no Brasil. Pág. 134. 1 ed. Brasiliense, 1986.

Como se evidencia, ambos os autores possuem visão antagônica no que diz respeito às razões da violência popular, sendo que para Damatta, os conflitos no espaço urbano se dão em virtude de uma luta travada contra a individualização e abstração impostas pela noção de cidadania, que homogeneíza, iguala e simultaneamente descaracteriza e expropria os indivíduos de suas identidades pessoais, morais e familiares. A violência seria, pois, fruto do embate travado com o propósito de reconquista dessas identidades comprometidas pela cidadania.

Sob a ótica de Marilena Chauí, os conflitos urbanos não decorrem de tentativas de resgate e reconhecimento de identidades perdidas no âmbito da rua, como se nesta, supostamente, deixássemos de ser pessoas e nos tornássemos indivíduos em condição de igualdade. Chauí possui uma noção que diverge desta, percebendo que a violência urbana na sociedade brasileira é resultante do fato, de que a cidadania não se configura em realidade concreta porque a maioria da população não tem seus direitos respeitados, uma vez que as relações sociais no Brasil são marcadas pelo favorecimento e tutela, onde as classes sociais dominantes no país se apropriam do espaço da rua, ou seja, do espaço público, passando a tratá-lo como espaço privado, restrito a poucos, enfim, como se a rua fosse as suas casas. Os dominantes na democracia brasileira usam o espaço público para usufruírem de privilégios e regalias que não se estendem a todos os indivíduos indistintamente, como supostamente pressupõe a idéia de cidadania, de modo que a violência seria resultante desta contradição fundamental, que força a uma disputa pelos direitos que deveriam ser garantidos a todos, mas que ficam comprometidos em razão dos privilégios, favorecimentos de determinados segmentos sociais sob os demais. Neste sentido nos fala Chauí:

“Sob esse prisma pensamos ser possível uma outra análise da violência popular, onde transpareça sua ambigüidade fundamental: longe de ser uma luta para ser considerado uma pessoa (no sentido da “casa”) trata-se da luta para ser considerado um sujeito, isto é, alguém dotado de direitos. (...) Cremos que é porque o direito aos direitos é recusado pela rua deles, isto é, pela sociedade global, que a “periferia” organiza o pedaço no qual não prevalecem apenas as relações do “mundo da casa”, mas estas se combinam para criar uma outra rua. Resistência”.¹⁹

Vivemos numa sociedade em que tudo se transforma abrupta e repentinamente, tudo o que tempos atrás era considerado como sólido e duradouro, termina esvaindo-se,

¹⁹ CHAUÍ, Marilena. Op. cit, pág. 136-137.

modificando-se, de modo que, até mesmo o recinto da casa, da família, bem como o espaço público, o mundo da rua, atualmente tem ganhado novas dimensões, mediante alterações de caráter econômico, social e político. Partindo do contexto das sociedades contemporâneas, Glória Diógenes entende a dinâmica da exclusão social pautada sob novos parâmetros que lhe conferem uma nova configuração.

“Observa-se uma nova dinâmica da exclusão social, alterando as regras do “apartheid”. Os denominados pobres, especialmente as crianças, organizadas em grupos, galeras, gangues, movimentam-se no coração da cidade e ocupam espaços de localização da “riqueza” e dos privilégios. A família também diversifica-se diante de uma nova dinâmica dos excluídos; de lugar de proteção e segurança, ela torna-se, para as crianças, o lugar do medo e da incerteza”.²⁰

Neste ínterim, fica difícil identificar uma única forma de estrutura familiar, não sendo possível conceber a família enquanto categoria universal, pois esta, cada vez mais e de forma drástica, expressa suas dinâmicas diferenciadas.

“A família enquanto reduto da intimidade e do individualismo esteve, quase sempre, representada nas classes privilegiadas. (...) O enclausuramento da criança na casa e a percepção da rua, enquanto espaço do “descaminho e do risco”, têm uma relação maior com os princípios doméstico-pedagógicos das famílias burguesas. (...) Casa e família enquanto dimensões justapostas e restritas certamente não se aplicam no dia-a-dia das favelas e mesmo no cotidiano dos bairros populares. A família enclausurada e isolada nos muros altos, protegida sob o alarido dos alarmes e apitos dos vigilantes, é uma realidade dos bairros onde “localiza-se” a riqueza e os privilégios”.²¹

As pequenas casas, que se constituem em marcas incontestáveis das periferias das cidades, na maior parte das vezes, amontoam em um ou dois cômodos pai, mãe e filhos. A casa do vizinho nesta lógica espacial se constitui quase num outro compartimento dentro da mesma casa. A vida familiar dos pobres se dá em limites pouco definidos entre casa e rua, onde a família emiscui-se nos domínios da vizinhança, de modo que, casa e rua quase não se diferem, e a suposta intimidade que seria garantida e reservada no espaço privado se perde, porque a dimensão coletiva própria do

²⁰ DIÓGENES, Glória. A Cidade e a Casa: Exclusão e Violência na Infância. In: Infância e Adolescência em discussão. Pág. 133. NUCEPEC-UFC. Fortaleza, 1994.

²¹ Ibidem, pag. 136.

espaço público acaba se sobressaindo aos domínios da casa e da família. Nesta nova conjuntura, viver no limitado espaço familiar imposto pelas pequenas casas ou barracos, compartilhando quase sempre de uma realidade marcada pela pobreza, pela fome, pelo desalento dos pais, expresso muitas vezes pelo vício e violência, pode muitas vezes significar a morte ou mutilação da própria infância e adolescência, bem como o estilhaçamento dos laços de união do grupo familiar, interferindo, pois, na decisão ou opção pela rua como local de trabalho e sociabilidade.

“A família dos “ricos” erege muros altos, arma esquemas de segurança para proteger-se daqueles que, mobilizados pela necessidade e movidos sob o signo do risco, invadem as ruas. Vejam só que dinâmica contraditória, algumas famílias protegem-se porque são possuidoras de riquezas e bens; protegem-se de outras famílias que, pela falta destes bens, mobilizados pela necessidade, expõe seus filhos aos perigos das ruas. A criança dos “ricos” certamente terá sua infância assegurada e sua fase adulta, no sentido de responsabilidades e trabalho, possivelmente adiada. Nas famílias “pobres”, o processo de “adultização” muitas vezes se inicia aos sete anos, quando os folguedos são substituídos pelo trabalho”.²²

Indagando sobre as razões que tem levado grande contingente de pessoas, e dentre elas, crianças e adolescentes, a reverterem à lógica de separação da casa e da rua, do espaço privado e do público anteriormente estipulada, fazendo com que a rua deixasse de ser concebida como local de passagem e se tornasse para muitos, lugar de permanência definitiva ou temporária, para trabalho e sociabilidade, concluímos que a casa, lugar da individualidade, da segurança e da proteção, metamorfoseia-se, muitas vezes, em lugar dos riscos, do abandono e até da violência. Neste sentido, nos revela Eltim²³ quando fala sobre o convívio familiar na sua casa, numa fase anterior à atual separação conjugal de seus pais:

“A minha mãe foi embora, por causa que o meu pai bebia demais. Eles separô porque, a minha mãe grilava, brigava. Ela chegô num ponto de falá pra ele: ocê escolhe ou a pinga ou eu. Ele falô que queria a pinga, aí a minha mãe foi embora. Faz três anos que ela deixô nós com ele. Eu lembro tudo dessa época, ele bebia, batia nela. Batia na minha mãe. O meu irmão chegou uma vez a batê nele por causa que ele bateu na minha mãe. O meu irmão deu só um

²² DIÓGENES, Glória. Op. cit, pág. 137.

²³ Eltim é um adolescente de dezoito anos, que é atendido pelo COMEM – Conselho Municipal do Menor, em razão de envolvimento com brigas de rua e participação em gangues, o que já lhe custaram 48 dias de prisão.

chute na perna dele, que ele tava batendo na minha mãe, daí o meu irmão grilô com ele. Ai o meu pai foi pra cima dele, mas ele viu que não dava conta, tava tonto, então ele deixou quieto”.

Com base nos depoimentos dos meninos entrevistados foi possível refletir sobre as formas como os meninos com vivência de rua experimentam e interpretam tanto o espaço da rua quanto da casa. Evidenciou-se, que nem sempre a decisão e escolha pela rua em suas vidas recaem exclusivamente sobre a justificativa de necessidade de sobrevivência, de maneira que as razões motivadoras de saída para o mundo da rua aparecem como uma rede complexa e múltipla de significações, extrapolando os motivos de ordem unicamente financeira. Mesmo quando este fator existe, ele quase sempre está aliado a outros tantos interesses, de modo que, mesmo os garotos que trabalham como flanelinhas encontram outros atrativos na rua que não somente o dinheiro ganho como fruto de seus trabalhos.

Podemos apreender mediante a fala de Tim, um menino de treze anos que atua como flanelinha no estacionamento do bosque, que, embora o dinheiro faça a diferença porque complementa a renda familiar, em alguns casos os garotos fazem questão de evidenciar que não mantêm suas sobrevivências e nem ajudam em casa com dinheiro. É intrigante pensar o que significa pra essas famílias que enfrentam dificuldades financeiras em virtude de um orçamento curto, o fato dos meninos buscarem alívio às suas privações materiais com o dinheiro advindo de seus trabalhos. Ainda que os garotos digam que comprem o que querem, realizando alguns de seus desejos, eles mesmo que inconscientemente acabam sim ajudando em casa, porque diminuem algumas das despesas de seus pais no sustento dos filhos:

“Esse dinheiro é pra nós comprá trem pra comê. (...) não é pra comprá arroz, feijão, não, é alguma coisa diferente que nós tem vontade de comê. É pra comprá lanche na escola, guaraná, coxinha, quibe, bolacha, sorvete. (...) é só pra inteirá uma coisa ou outra que eu quizé”. – Tim.

Tim insistentemente quis deixar claro que na sua casa não faltava comida porque seus pais sustentavam a casa com dinheiro advindo dos trabalhos como lavadeira e bóia-fria, mas, no entanto, não considerou que por mais que nem se dê conta disso, contribui com o orçamento doméstico quando consegue por meios próprios o lanche da escola, e algumas besteiras que deseja, sem que precise recorrer a seus pais pra isso. Quando fala

sobre o que pensam seus pais acerca do ficar na rua, e do que ele gosta de fazer estando em casa, Tim permite que pensemos o peso do dinheiro nesta decisão por vigiar veículos, bem como acaba nos revelando o seu mundo da casa, onde explicita as privações materiais e afetivas que experimenta no seu dia-a-dia e a relação destas com a decisão pelo trabalho na rua, ou seja, o significado da rua em sua vida:

“O quê que o meu pai acha de nós fica na rua? Eles quase chega a batê na gente, porque a gente vem escondido. É porque o meu pai tranca o portão e não deixa a gente sair, e sai pra trabaiá. A gente pega, vai e pula o muro.(...) Nós gosta de vigiá carro.(...) É, mas também não é só por causa do dinheiro não. Também pra sair m pouco, só ficá trancado em casa não vira não. Eles sai e deixa nós trancado, na hora que eles volta nós pula o muro. A mesma acontece com ele e a irmã dele. O pai dele tranca a casa, né? Mas a sorte dele é que a janela é de taba, ele dá só um toque nela e passa pela janela e sai. (...) Na rua só de tá andando, já é bom. Na rua tem vez que nós vai joga bola com os nosso colega, nós joga lá em frente, naquela avenida do bosque, no capim, na grama lá, nós joga, aí o tempo passa rapidinho”.

“De tarde eu fico em casa, aí eu tô à toa. (...) eu assisto televisão. Mas lá não tá tendo jeito de assisti por causa da energia, tá vindo cara. Não pode ligar a televisão, não pode ouvir rádio, não pode fazer nada! (...) o meu pai e a minha mãe reclama, todos dois reclama, e fala que não pode vê televisão. Aí, nós pega e assiste junto, um pouco na minha casa, depois vai pra cada dele, é assim que nós faz”.²⁴

Como fica claro, o mundo da casa sob a fala de Tim representa não só local do isolamento, da solidão e privação afetiva pela ausência dos pais e dos irmãos que ficam fora o dia todo, mas também lugar das privações materiais que comprometem, inclusive, as poucas possibilidades de distração e entretenimento que crianças e adolescentes como os entrevistados pudessem vir a fazer uso, tais como a televisão. Assim sendo, a rua significa a busca, ou melhor, a fuga desse universo de isolamento, do confino, da pasmaceira, onde não se tem nada de interessante para fazer, de modo que a rua se configura ao inverso, na outra face da moeda, um mundo de diversão, amizades, brincadeiras, aventura, onde se consegue o que deseja por meio do trabalho ou do furto, lugar de mil possibilidades, que em alguns casos proporciona inclusive a manutenção dos vícios.

²⁴ Tim quando fala “a gente”, “nós” se refere a seu sobrinho, o Cabeçudo, que no momento da entrevista se encontrava em sua companhia, uma vez que com partilham da mesma atuação como flanelinhas, bem como do mesmo ponto.

À contra-pêlo do que foi dito sobre a rua enquanto local concebido como melhor do que a casa, não é possível ignorar que Tim e o conjunto dos meninos por vezes descrevem a rua como ambiente perigoso, local de riscos, conflitos e violência, e que, portanto, a rua se constitui numa esfera social que exige o estabelecimento de determinadas posturas e condutas adequadas à ética que impera e vigora no âmbito da rua. Neste sentido nos revela Tim, ao contar um episódio vivido por ele num dos muitos momentos que passa na rua:

“Às vez eu fico com medo. Esses dia pra trás eu tava descendo a rua ali, chegou um moleque querendo a minha bermuda de todo jeito. Aí eu não passei não. E ele falou: se ocê não passa eu vô te batê. Eu falei: então vai tê que batê mesmo. Aí ele ia enfrentá, a minha sorte é que tava perto da madrinha da minha irmã, né? Aí eu falei: Alá o guarda, e na hora que ele olhou pra trás eu saí correndo e entrei dentro da casa da madrinha da minha irmã”.

HUTZ & KOLLER ao analisarem o desenvolvimento de crianças de rua, inovam as discussões, no sentido de revelarem que as circunstâncias vividas por indivíduos em situação de rua, ao testarem a capacidade ou vulnerabilidade destes, exigindo que desenvolvam estratégias que possibilitam lidar com a adversidade, adaptando-se às realidades enfrentadas no universo da rua, ao invés de retardarem o desenvolvimento cognitivo e emocional de tais sujeitos, na verdade, não o compromete por completo, pelo contrário, a rua requer um outro tipo de conhecimento. Ficar ou viver na rua, implica no estabelecimento de habilidades e estratégias que possibilitam enfrentar as dificuldades cotidianas e superar os riscos pessoais e sociais, de maneira que, os indivíduos precisam compensar com competência e autonomia as dificuldades que surgem no seu dia-a-dia na rua:

“A vivência na rua, certamente, proporciona experiências diferenciadas às crianças, que não são similares às das crianças que vivem sob a proteção permanente de uma família ou mesmo àquelas que freqüentam diariamente a escola. Os vários estímulos que a rua apresenta, exigem que a criança esteja atenta e preparada para manter a sua integridade física e sua sobrevivência. Esta atividade permanente, em um âmbito tão diferenciado e provocador, deve gerar desequilíbrios cognitivos e necessidade de equilibração constante. Alguns estudos afirmam que ao invés de provocar um retardo no desenvolvimento cognitivo, a vida na rua facilita e promove o desenvolvimento (Aptekar, 1989; 1996 apud HUTZ & KOLLER, 1997). (...) A perda da escolarização básica acarreta uma série de perdas de habilidades para estas

crianças, especialmente com relação à linguagem. No entanto, a vivência da rua tem demonstrado uma outra forma de aprendizagem e desenvolvimento, que alguns pesquisadores chamam de “sabedoria de rua”. Entre elas, a facilidade de lidar com dinheiro, de aprenderem música e habilidades computacionais.²⁵

A exposição ao risco, ao perigo e a violência é companheira fiel das crianças e adolescentes que convivem com o mundo da rua e, em Araguari, a situação não é diferente, até porque como já foi discutido anteriormente, o estar na rua pressupõe a transposição de fronteiras e conquista de territórios, ou seja, o enfrentamento de situações que ultrapassam os limites que normalmente lhes são impostos. Neste ínterim, o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência por parte dos garotos é forjado de inúmeras maneiras, seja se valendo de esperteza, agilidade, iniciativa, capacidade de decisão e superação do medo, como demonstrou o depoimento de Tim, acerca de uma situação bastante simples e corriqueira vivida pelos meninos, seja mediante a organização de gangues de rua que fazem uso constante da violência.

Em Araguari atualmente um dos mais graves problemas de ordem social tem se constituído no aumento crescente e indiscriminado de violentos confrontos entre grupos de jovens organizados em turmas, em “gangues” entre bairros rivais, tanto que, a cada final de semana tem sido registrados um número significativo de ocorrências policiais envolvendo menores em brigas de rua, conflitos que são sempre impregnados de muita violência, e quase sempre fazem vítimas fatais. Como expressão desta situação que tem fugido ao controle da segurança pública é que quase todos os meus entrevistados do grupo atendido pelo COMEN e alguns dos “flanelinhas” compõem o quadro de adolescentes que tiveram problemas com a polícia em razão de envolvimento em brigas de rua, ou melhor, em conflitos que tiveram sua origem nas ruas, mas que ganharam uma dimensão que ultrapassa os limites da rua e têm invadido festas, eventos sociais de grande vulto na cidade, espalhando horror e medo entre o montante da população no município. A dimensão do quadro de violência na cidade pode ser entendida diante do que expõe um dos meninos que ouvi:

“Quando eu saía, eu saía com muita gente, mais de vinte. (...) Nós ia nos bairro, batia nos moleque brigava, dava tiro.(...) era bão, eu ia pras festa, andava em festa, aí. Ia pras festa nas boate, nos clube, em todo lugar que tinha festa eu ia com essa turmona, qualquer lugar.

²⁵ HUTZ & KOLLER. Op. cit, p. 183-186.

Chegava lá a gente andava, às vez saía briga, brigava. Brigava por diversão memo, por brigá, nem esquentava. Às vez tinha motivo, algumas nós confundia, não tinha. Uns era por causa de bairro né, uns era do ouro Verde, aí a gente batia. Aí quando a gente olhava assim, e parecia que era do Ouro Verde, aí batia e depois nós ia sabê que não era daquele bairro, que tinha batido enganado. (...) Nas festa, eu escondia a arma dentro do tênis pra entrá, aí chegava lá dentro, a gente arrumava um lugar e escondia ela dentro da festa, se precisasse ia lá, pegava e dava tiro”. – Eltim²⁶

A banalização da pobreza nas sociedades modernas permite a violência ultrapassar os umbrais da segregação espacial, fazendo com que ricos e pobres, confrontem-se na ocupação de novos territórios, nos espaços anteriormente delimitados à circulação dos endinheirados. Talvez seja exatamente porque as brigas de rua em Araguari deixaram de comprometer unicamente a segurança dos habitantes da rua, ou seja, os jovens organizados nas gangues, passando a atingir outros segmentos da sociedade, já que os conflitos passaram a acontecer em espaços nobres, antes reservados e freqüentados exclusivamente pela elite social araguarina, é que as brigas entre menores de idade têm ganhado visibilidade e o combate à organização de gangues tem sido alçado a questão prioritária pelos órgãos competentes do município.

Glória Diógenes analisando a desordem urbana, mais especificamente as gangues, percebendo-as enquanto organização da violência esclarece:

“Poderíamos afirmar que a “nova” dinâmica da exclusão social é que cria condições para a intensificação das “desordens urbanas” e, de outro modo, para as “novas ondas de violência urbana”. Os novos excluídos transpõem as barreiras da segregação espacial, projetam-se nos espaços que lhes foram negados e enunciam-se, enquanto sujeitos, através da violência urbana”.²⁷

Sob esta ótica, analiso essa onda de brigas entre os jovens araguarinos dos bairros Santa Helena e Maria Eugênia contra os garotos dos bairros Santa Terezinha e Ouro Verde, e ainda entre os bairros de Fátima e Maria Eugênia, como decorrente de uma rede de fatores e não unicamente pelo gosto de brigar, como insistem os meus

²⁶ Garoto assistido pelo COMEN – morador do bairro Maria Eugênia.

²⁷ DIÓGENES, Glória. A Cidade e a Casa: Exclusão e violência na Infância. In: Infância e adolescência em discussão. Pág. 144. NUCEPEC- UFC. Fortaleza, 1994.

interlocutores, que não conseguiram sintetizar as explicações sobre os motivos de tanta disputa alimentada já há bastante tempo na cidade pelos integrantes destas gangues.

De acordo com o que os meninos disseram tudo parece se resumir num desejo insaciável pela briga, como se as brigas de rua pudessem ser explicadas pela briga em si mesma, como se acontecesse a briga pela briga, mas nunca se aprofundam nas razões de mostrarem um profundo interesse em brigar.

Pensando um pouco sobre esse gosto pela briga, com base nas realidades de vida dos garotos, entendo a organização em gangues ou “a formação de micro-sociedades” (DIÓGENES, Glória, 1994), como não somente uma louca e interminável disputa de territórios, unicamente como tentativas de defender e ampliar as possibilidades de espaço territorial e espaço social - via reconhecimento e fama pessoal ou do grupo, no caso, do bairro. É patente entre os jovens uma tentativa incansável de medir forças e mostrar quem pode mais, desejando poderio e jugo sob os demais, mas o que pretendemos questionar é se esse desejo íntimo que trazem consigo, não seja fruto da revolta contra a usurpação dos direitos das suas famílias e por extensão também deles, os “filhos da pobreza”?

O fato deles verem a luta, a briga como interessante e prazerosa, porque permite provar que são mais fortes, corajosos ou mais bem organizados que o adversário ou o grupo rival, talvez esteja relacionado não somente a uma busca por deixar marcado em ocorrências policiais na cidade seus nomes, seus feitos, de modo que, para além deste propósito que existe e é real deles serem reconhecidos enquanto pessoas e enquanto grupo – bairro, já que todo o contexto de exclusão os torna invisíveis diante da marginalização que experimentam nas periferias do município, também não podemos ignorar que nisto existe uma tentativa implícita de resistir, negando a lógica que regula as relações sociais na sociedade brasileira, ou seja, contra os privilégios da classe dominante que segrega a pobreza em seu mundo de exclusão.

Nesta perspectiva, quando estes garotos enturmam-se e passam a integrar as gangues de rua, eles buscam reconhecimento por meio da violência, porque esta funciona como vitrine que possibilita a visibilidade dos mesmos, não é à toa que os integrantes das turmas fazem questão de alardear suas presenças, chamando a atenção para si, por meio da diferenciação de vestimentas, de linguagens próprias, de ritmos musicais específicos, e tantas outras formas utilizadas para serem reconhecidos, se diferenciarem e construïrem suas identidades, bem como driblarem a indiferença e

banalização da pobreza e da exclusão social a eles dispensada pelos setores dominantes da sociedade. Como Glória Diógenes sintetiza:

“Uma violência que é vivida como aquilo que faz com que sejam respeitados e temidos pelos outros. Por intermédio da violência é possível agir e relacionar-se com outros grupos criando uma ilusão de poder, força e potência”.

As brigas podem significar muito mais do que a luta contra o outro, mas sim, à favor do direito de existir enquanto pessoa e também como cidadão, de modo que, seja uma luta como consequência ao fato do direito aos direitos, não ser garantido a todos indistintamente. Por isso, os meninos indiferentes à discriminação social que sofrem ao ganhar o centro urbano, os clubes, as festas, enfim, os espaços reservados a poucos, na verdade estão por meios ilícitos, violentos, invadindo espaços, transpondo barreiras para mostrarem que existem e precisam ser reconhecidos como portadores de direitos.

Capítulo 3

A rua no imaginário dos garotos

Nesta última parte do trabalho, a proposta recai sobre a tentativa de compreender a representação do espaço da rua na história de vida dos meninos que enveredaram pelas ruas a trabalho ou a vacância no município de Araguari. Mas para que possamos dar início a esta nossa conversa, é preciso que para tanto, nos perguntemos primordialmente sobre o conceito de representação.

Representação, o que seria isso afinal?

Nesta perspectiva, pensando um pouco sobre tal indagação, partimos do princípio discutido por Ginzburg acerca do termo representação:

“Nas ciências humanas fala-se muito, e há muito tempo, de “representação”, algo que se deve, sem dúvida, à ambigüidade do termo. Por um lado, a “representação” faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que se pretende representar”.²⁸

Nesse jogo em que o termo representação por vezes oscila entre as idéias de substituição e de evocação, remetendo à noção de que pela representação, ou melhor, pela construção de imagens representativas se viabiliza alcançar a presença do que se objetiva representar mesmo na ausência deste, sendo possível substituir o ausente tornando-o presente via mecanismos de representação, que normalmente se constituem na utilização de imagens e símbolos, que permitam recuperar, alcançando o significado do objeto representado, neste trabalho estamos nos valendo do termo representação como sinônimo equivalente às palavras imagem e significado, de maneira que, quando questionamos qual a representação da rua no histórico de vida das crianças e adolescentes com vivência de rua em Ari, estamos em síntese, discutindo sobre o que

²⁸ GINSBURG, Carlo. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. Pág. 85. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

significa a rua para os mesmos, qual a imagem da rua construída no imaginário destes garotos, enfim, sobre o valor e a importância da rua em suas vidas.

Acredito ser possível dizer, que a imagem da rua para os meninos é construída a partir das suas presenças tanto no âmbito da casa, no seio de suas famílias, quanto mediante as experiências vividas no mundo da rua, sendo formulada, elaborada cotidianamente pelos mesmos, com base no que experienciam nas duas esferas constituintes do seu viver, ou seja, entre a casa, a família e a rua, entre o público e o privado, o particular e o coletivo.

O fato de estarmos lidando com uma mesma categoria social – os meninos que travam contato direto por tempo considerável de seus dias e noites com o mundo da rua, ainda que esta categoria seja composta por sujeitos que se subdividem em grupos de meninos trabalhadores de rua e também em grupos de garotos que somente vagam, perambulando descompromissadamente pelas ruas, é preciso destacar que o conjunto dos entrevistados de ambos os grupos embora revelem a rua como possuidora de significados múltiplos em suas vidas, simultaneamente também explicam sua trajetória para a rua com inúmeras similitudes, dizendo que tudo começa na casa pobre, que os impunha privações de toda sorte, ou na casa conflituosa, agitada e até violenta, que fugia à noção de família, de cooperação e afeto, sendo que, a maioria dos meninos tem histórias para contar sobre maus-tratos e violência sofrida ou presenciada entre os próprios membros familiares. Outras vezes apontam as razões como decorrentes de uma casa vazia. Parte de uma situação de carência. Carência de conforto, em que as privações se impunham, ora vazia, pela ausência dos pais por tempo bastante prolongado, e com ela, a sensação de abandono, ora uma tensão insuportável nas relações entre marido e mulher, ou de pais e filhos, que submete a uma dura prova toda a sustentação de papéis, contaminados por desempenhos irregulares. Cônjuges que estabelecem relações sociais agressivas e violentas entre si, e muitas vezes também com seus filhos, punindo-os de modo excessivo e injusto, ou que simplesmente se omitem. Chefes de família incapazes de prover o sustento básico necessário ao grupo familiar, e mães de família que têm de assumir esse papel em detrimento do seu, além de tudo, pais muitas vezes alcoólatras, extremamente nervosos e desequilibrados. Crianças e adolescentes que levam vida de adulto, obrigadas a sucumbirem seu tempo livre em favor da reprodução de uma representação de família, que freqüentemente vive à beira da tragédia.

O que podemos razoavelmente dizer é que em virtude da co-existência variada dos elementos destacados, o que se configura é de algum modo, o rompimento do pacto entre os integrantes familiares, e não necessariamente, que as conexões significativas entre os elementos, estabelecem uma lógica causal entre eles, como se partindo da miséria, passasse à desagregação familiar, e posteriormente alcançassemos à violência, mas sim, que tais elementos estão quase sempre agrupados e compõem o universo da casa e da família vivido pelos meninos.

Esta nova versão de família moderna, que foge ao ideal do espaço da casa como lugar do abrigo, do aconchego, da afetividade e do amor entre os familiares, é responsável “pelo estranhamento na família”, como sintetizam (FAUSTO, Airton & CERVINI, Ruben, 1996 p. 148.), em que os indivíduos componentes das mesmas, em virtude de um afrouxamento das relações entre os familiares, acabam não se reconhecendo enquanto membros integrantes de um mesmo grupo nuclear e passam a se sentirem como estranhos no seio da própria família:

“Ao desalento dos pais, corresponde, no entanto, a revolta dos filhos. O interessante é que todos concordam num ponto: foram traídos pelo outro. Independente das razões invocadas de lado a lado, o que se reconhece de modo implícito, em cada caso, é a existência de uma família que se reproduz biologicamente, mas não é capaz de reproduzir-se socialmente. Com isso, a sua valência, como campo de forças, alcança o pólo negativo. Os laços se afrouxam na razão direta do enfraquecimento da densidade moral”.²⁹

Vivendo tais situações no mundo da casa, estes garotos acabam mais propensos a optarem pela vida na rua, uma vez que, talvez já se encontrem afetiva e emocionalmente afastados da família, e, portanto, a rua passa a representar possibilidades de ganho e não de perda. Ganho, no sentido de proporcionar alternativas de vida e existência distintas daquelas que a casa oferece, e que não satisfazem os garotos, bem como fuga do que os contraria no recinto e convívio familiar. Deste modo, a saída para a rua não se constitui num momento de sofrimento e dor, mas sim na possibilidade de um outro tipo de vida, uma vida melhor do que se costuma levar como “menino de casa”.

²⁹ FAUSTO, Airton & CERVINI, Ruben (org). O trabalho e a rua: crianças e Adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. Pág. 149. 2 ed. São Paulo: Editora Cortez, 1996.

Assim sendo, a decisão pela rua mesmo para aqueles que se vêem impelidos ao trabalho, quer seja pela pressão dos pais, ou espontaneamente pela própria vontade - que na verdade pode ser camuflada na necessidade de luta para se adquirir o que se deseja ou o necessário para a sobrevivência individual e até familiar, é vista como alternativa melhor do que a casa, até porque permite suprir o que falta nesta.

Dizer que a saída para rua é percebida como possibilidade de satisfação das expectativas dos meninos, não equivale a falar que todas as histórias de trajetória da casa à rua e das experiências vividas na rua se dão e são absorvidas de modo idêntico entre o montante dos entrevistados, pelo contrário, não dá para fugir à idéia difundida pelo senso-comum, de que “cada caso é um caso”, já que ressalta “a intratável diversidade da experiência, e com ela, a sua contraditória riqueza”. (FAUSTO, Airtton & CERVINI, Ruben,1996), o que caracteriza a rua como detentora de significados múltiplos.

“Cada caso é um caso”, mas nem tanto assim, pois embora cada uma das histórias narradas se diferencie uma da outra, não se deixa de perceber nesse conjunto um perfil dramático comum, algo que revela, aos poucos, uma espécie de padrão.

Primeiramente, nos atentaremos para o fato de que a maioria dos meninos ouvidos neste trabalho tenha destacado a influência de amigos como componente com peso significativo no processo de passagem da casa à rua, bem como no envolvimento com drogas, furtos e gangues de rua, o que nos intriga a questionarmos como surgem as oportunidades para que estas influências possam se exercer.

“Eu acho que eu fiquei muito solto. No começo quando eu saía pra rua, a minha mãe não falava nada, chegava à hora que eu queria, aí eu já fui conhecendo né. Você conhece um aqui, outro ali, aí você já vai se enturmano, se envolve no”. – Jacks.

Segundo o que disse Jacks podemos conjecturar que muitas vezes, as casas, ou melhor, as famílias destes meninos abrem suas portas, permitindo ou não conseguindo impedir que os garotos venham a ganhar as ruas, porque os pais ou responsáveis dispensam limites excessivos ou insuficientes de liberdade e controle sobre seus filhos, de maneira que o contato com a rua e sua posterior influência vem se exercer, em função de que as crianças e os adolescentes percebam a falta de limites, o excesso de liberdade, enquanto descaso e indiferença, ou ainda, a falta de liberdade, o controle excessivo como cobranças abusivas e indiscriminadas.

Celim, um dos meninos que ouvi, quando fala acerca do que a rua lhe oferecia e que em sua casa não tivesse, termina nos dando uma visão geral dos muitos significados que a rua exercia em seu viver, bem como sobre as razões da casa ter perdido espaço para a rua:

“É difícil falar, viu? Mas na minha casa não tinha amigo pra conversá, né. Eu achava tudo meio parado. A rua era mais movimentada, mais interessante, animada. Em casa eu não fazia nada, não tinha o que fazê”.

Como fica evidente, Celim ansiava por amizades, alegria, animação e atividades, coisa que ele diz não encontrar em casa, de maneira que a preferência pela rua expressa a recusa da rotina imposta pelo cotidiano familiar, ou melhor, a necessidade de aventura e o desejo pela novidade. FAUSTO & CERVINI trabalham sob esta perspectiva:

*“A vida na rua consiste essencialmente, em divertir-se. Andar de um lado pra o outro, pegar rabeira nos ônibus, ver televisão nas portas das lojas, pedir comida e dinheiro, cheirar cola e esmalte. (...) Andar pela cidade por si só já é uma aventura”.*³⁰

A vida na rua contém ainda, atividades que numa outra lógica são bastante agradáveis e satisfatórias aos olhos dos meninos, que mencionam entre os passatempos favoritos, “o andar à toa, sem rumo, pra cima e pra baixo”, em duplas ou em turmas, fazendo bagunça, passeando, namorando, freqüentando festas, bebendo, brigando, usando drogas, ou seja, fazendo uso da possibilidade que a rua representa, e oferece deles poderem ir e vir, fazendo o que quiserem, tendo como recurso a possibilidade de construírem os seus dias como inesgotável arsenal de arma contra a rotina, o tédio e a mesmice, vivendo cada instante e todos os dias de um jeito novo e diferente.

“Nóis muitas vez ficava na praça, trocando idéia. Nóis ia pra praça da igreja de Fátima, pra conversá, bebê, brincá de luta, paquerá as menina”. – Celim.

*“Eu ficava na rua pra vagabundá memo (risos). Era, não fazia nada não, ficava conversando, aí ia lá pra o mato. Mexia com droga na mata que tem lá, né, em cima da ponte do Quero-quero.”*³¹ – Eltim

³⁰ FAUSTO, Airton & CERVINI, Ruben (Org). Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. Pág. 137. 2 ed. São Paulo: Editora Cortez, 1996.

Foi possível apreender mediante algumas experiências descritas pelos meninos durante as entrevistas, e mesmo nas conversas informais que tive sem usar o gravador, bem como durante a fase de observação, que a rua possui uma conotação lúdica para os mesmos, englobando a aventura, as brincadeiras, a luta, e tantas outras formas de diversão e entretenimento que acabam conferindo à rua uma dimensão ampla de significados, porque esta se constitui num universo complexo de sociabilidade para os garotos, comportando todo tipo de atividades e brincadeiras, desde as mais comuns, próprias de qualquer criança, como o pique-pega e o pique-esconde - que tantas vezes pude presenciá-los a brincar, desaparecendo ágil e alegremente em meio a árvores, carros e esquinas, quanto algumas formas nada convencionais de brincadeiras.

“Na rua quando nós tá trabaiaando de vigiá carro aqui no bosque, tem vez que nós joga bola com os nossos colega, nós entra lá pra dentro do bosque pra passeá e brincá. Tem dia que o Cabeçudo até perde lá dentro, aí nós tem que achá ele”. – Tim

“Quase todo dia, a gente tira uma lutinha com o outro ali. Às vez vai pra brincá, às vez já sai é na pancada memo. Eu já apanhei muito, teve dia de chegá em casa detonado. Três cara ali, ó, brincando, conversando, batendo boca, eles veio pra cima de mim e me arrebentaro. Derramô sangue no meu olho. Eles me dero um murro no olho, meu olho ficou vermelhinho, no sangue, três mês”. - Finim

“Rola muita brincadeira, zoação.(...) a gente brinca de roleta-russa, altas parada. Eu brincava, tinha hora que eu tava doido assim, eu pegava o cano assim e ficava brincando. Teve uma vez que eu quase me matei memo. Eu rodei assim, né, e puxei, aí eu pus na cabeça e fiz assim (repete o gesto de quem coloca um revólver bem próximo ao ouvido), o meu colega que tava do lado falou: Não, não atira não, que vai sair uma bala. Eu peguei e atirei no chão. Ele falou: Não, não atira não. Eu peguei e atirei no chão, tava doido demais, tava caindo de doido. Ia saí a bala memo, eu não tinha visto. Eu brincava disso”. – Jacks.

³¹ Quero-quero é um clube localizado num ponto bem afastado do centro de Araguari, sendo margeado por bairros de periferia da cidade, tais como o B. Santa Helena, Maria Eugênia e outros. Trata-se de um clube freqüentado sobretudo por militares do exército, e que tem nas suas proximidades uma ponte ferroviária.

A rua outras vezes representa possibilidade de satisfação das necessidades, que não se resumem unicamente em satisfações materiais destinadas a sobrevivência relacionando, pois, o espaço da rua à possibilidade concreta de trabalho, mas inclui também necessidades de todos os caracteres, tais como manutenção de vício, satisfação dos prazeres sexuais, possibilidade de consumo, dentre outras. Sobre o universo que os meninos encontram na rua, relata Queiroz:

“Comparada com os limites estreitos de sua casa, a vida na rua oferece diversos atrativos como diversão gratuita, novos conhecimentos e informações e possibilidade de observar o modo de vida de pessoas pertencentes a outras classes sociais. Aí pode ter fácil acesso a cigarros, tóxicos e bebidas alcoólicas. A vida é cheia de aventuras e riscos, a ameaça de agressões de fora ou do próprio grupo é sempre presente (...)”.³²

Neste sentido, nos aponta os meninos Jacks e Eltim:

“A rua é divertida, igual quando a minha mãe foi embora né. Eu não ficava em casa não. Eu ia lá em casa só pra dormir memo. Dormia e vazava fora no outro dia cedo. E era bão ficá na rua porque não faltava nada, né. Ocê tem dinheiro ali, tava fumando a droga que eu gostava. Era bão tá lá, por causa que eu saía pra robá., Robava, robava, arrumava dinheiro, usava droga.”. – Jacks.

“O que é bão na rua é que a gente faz muita amizade, né. Conhece muitas pessoa, faz amigo. Era bão porque nós arrumava muitas muié assim (...) Pra os cara que tá metido com gangue fica mais fácil, as muié dava em cima da gente. Muitas, um punhado, mesmo as que cobra pra fazê, tem vez que dá em cima da gente e dá de graça pra nós”.! – Eltim.

Conhecer o cotidiano dos meninos, ou melhor, as experiências vividas por eles na rua, responde aos motivos de preferência da rua pela casa para os mesmos, e neste propósito atende ao objetivo de embrenhar rumo à representação do espaço urbano para o viver destas crianças e destes adolescentes inseridos nas ruas araguarinas. É patente o fato de que quase sempre aliados a outros fatores, a troca da casa pela rua, se dá em razão de que a família termina sendo preterida pela turma, pela galera, pela gangue,

³² QUEIROZ, José J. (org). O mundo do menor infrator – coleção teoria e práticas sociais. Pág.56. 3 ed. Campinas: Editora Autores Associados, 1985.

pelos amigos de rua. O cotidiano da rua se distingue em primeiro lugar, por formas de sociabilidade pautadas nos parâmetros coletivos da turma:

“(...) em síntese, uma etnografia do cotidiano dos meninos de rua, nos seus pontos essenciais se confunde com a etnografia da turma, pois ela é o plano de organização social que mais contribui para tornar a vida na rua viável. Além disso, é através dela que essa vida alcança a sua configuração peculiar, isto é, aquilo que permite distingui-la como forma de vida *sui generis*”.³³

A vida na rua é marcada por formas diferenciadas de apropriação do espaço e utilização do tempo. O espaço onde costuma se desenrolar normalmente é dividido em territórios, em que cada qual se estrutura tendo como referência um dado espaço público, como praças, estabelecimentos comerciais, bairros, etc. Um território compreende toda uma rede de pontos da qual fazem parte os lugares preferenciais de atuação das turmas. A presença dos meninos pelas ruas nesse sistema de lugares, ocorre, na maioria das vezes, sob o domínio das gangues. Mesmo que alguém pelo menos à princípio pretendesse sair para a rua, pensando em ficar sozinho, não é provável que conseguisse tal intento, em virtude das complicações práticas de tal decisão, não podendo concretizar sua escolha, porque mesmo quando os meninos saem a trabalho, a forma de efetivação deste na rua, pressupõe aos poucos a inserção do indivíduo, do trabalhador isolado num dado grupo, enturmado-se. Pensando sobre a formação de turmas contribui Aparecida Darc de Souza:

“...é muito difícil viver sozinho na rua. Viver dentro de um grupo, uma turma, um bando constitui-se em um importante meio de sobrevivência do menino na rua. A turma existe como instrumento que viabiliza as ações, como mentora e legitimadora, nela os meninos desenvolvem sua identidade, forjando valores, regras e uma linguagem própria.(...) Com a turma, é possível o roubo, o enfrentamento com a polícia, as brincadeiras, as trocas”.³⁴

A realização de qualquer uma das atividades inerentes ao cotidiano da rua pressupõe a turma, uma vez que a realidade na rua engloba quase sempre a mendicância, ou o pedir uns trocados para vigiar veículos que também exige certo

³³ FAUSTO, Airton & CERVINI, Ruben (org). Op. cit. Pág.144.

³⁴ SOUZA, Aparecida Darc de. Capitães do Asfalto: Infância e adolescência pobres na cidade de Uberlândia (1985-1995). Pág. 112. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1998.

aprendizado, constituindo-se na primeira lição da arte de sobrevivência na rua. O mesmo acontece com o furtar, porque depois de aprender a “pedir”, muitas vezes, aprende-se a furtar. Esse tipo de ação, entretanto, já demanda a colaboração de outros. Para conseguir organizar um assalto, desde “bater uma carteira”, ou subtrair produtos de uma loja, é preciso agir em parceria com um ou mais colegas, que ajudam distraindo a atenção da vítima ou planejando na concepção do empreendimento e execução do mesmo. Neste sentido, falou o menino Jacks:

“Ah, eu saía e fazia umas fitinha aí, robava uns trenzinho aí, com uns malandro. (...) Pra usá droga, cheirá tiner. (...) eu pegava em loja, na rua, em casa, onde dava eu pegava. Eu tava sempre com mais dois cara, nós três era inseparável, nós ficava o dia inteiro na rua ou na casa de um deles”. _ Jacks

Estas são atividades que envolvem técnica e saber, exigindo habilidades que precisam ser aprendidas e treinadas. É na turma que se aprende tudo, desde o jeito de andar na rua, até o quê, de quem, como e quando pedir ou furtar. É entre a turma, estando com os amigos que se adquire a sabedoria de rua necessária para se dar bem no cotidiano da rua, e neste sentido, o coleguismo, as amizades, as gangues atendem às expectativas dos garotos que povoam ou habitam o espaço urbano, em que as regras, as formas de comportamento e ação são repassadas aos iniciantes por aqueles que já se especializaram na arte de ficar na rua

Os meninos entrevistados evidenciaram o fascínio e a influência que as amizades desempenharam neste jogo de passagem da casa à rua, bem como no processo de iniciação do vício e ainda no furto. Neste sentido me contaram alguns meninos, como o Celim, quando falava acerca do que pensava sobre os pedidos e cobranças da sua mãe para não ficar na rua até tão tarde da noite e voltar pra casa mais cedo, coisa que ele não cumpria. Ele contou que nos momentos em que estava lúcido, sem os efeitos da maconha ou do craque, enfim, das drogas das quais faz uso, às vezes caía em si:

“Ah, pensei muitas vez, né, que não tava agindo certo. Minha mãe tava sofrendo. (...) isso é que tá, né, mas eu não voltava porque tinha alguma coisa que me prendia na rua. Era os amigo. Eu não tinha vontade de voltá pra casa, eu preferia ficá lá mesmo onde eu tava com os meus amigo, com os cara que eu achava que era meus amigo, e assim ia, até que eu já passava os dia e quase a noite inteira”. – Celim.

Eltim e Jacks quando falam sobre como se deu o início do processo de envolvimento com drogas, bem como da dificuldade de superação do vício, revela a contribuição e o papel das amizades para tanto:

“Quando eu comecei foi por causa das companhia. Foi, eu tinha um amigo meu que já mexia, aí uma vez eu achei uma bolsinha do meu primo cheia de maconha, eu peguei um pouco e fumei. Aí depois eu comecei a andá com uns amigo meu aí, eles tinha, né, era tudo mala véio, e comprava pra mim. Eu pensava: eu nunca vou comprá, né, mas é porque eu não tava viciado ainda, eles punha, aí depois que ocê vicia no trem memo, não tem ninguém que pára mais não. Aí se ocê não fizé seu cofre, ocê fica sem. (...) No começo eu via eles fumando assim, queria vê como é que era, depois eu queria sê igual eles, achava que eles era os tal, né”. - Eltim.

“Os amigo faz diferença memo, faz, leva, porque às vez ocê vai pará de fumá um cigarro, né. Ocê fala: não vô pará de fuma isso, não vô mexê com cocaína, mas se ocê tivé na rua e chegá perto de alguém que tivé fumando, ocê vai dá vontade de fumá e ocê fuma. Ocê não pode nem senti o cheiro enquanto ocê tá ali fraco, parando. Ocê não pode vê tiner, não pode vê maconha, pedra, não pode vê nada”. - Jacks.

No tocante às amizades que se faz na rua, os depoimentos demonstram certa ambigüidade de concepções por parte dos garotos, de maneira que alguns sintetizam os amigos como “as más companhias”, como pessoas em quem descobriram que não podiam confiar, enquanto outros insistem que na rua tem amizades boas, um coleguismo verdadeiro e sincero. Celim demonstra ter se decepcionado com aqueles que julgava serem amigos pra valer.

“Eu andava com umas pessoa aí, do bairro lá, que dizia ser meus amigo, mas não era.(...) Eu descobri que não era, desde uma vez que eu apanhei na rua, porque nós tava eu e os outros, aí nós começô a brigá, aí eu fui entrá, né, aí eles foi embora e me deixô. Me largaram e eu apanhei muito. Depois disso eu nunca mais saí com eles, eu cortei eles, porque eu vi que não tinha companheirismo”. - Celim

O adolescente Jacks afirma exatamente o contrário de Celim, quando fala de um dos colegas que sempre o acompanhava nos assaltos que fazia na cidade, e que em

decorrência de ter sido pego numa destas atuações, se encontrava preso no momento da entrevista:

“(...) Mas igual o cara que tava comigo no assalto da padaria Fornalha, eu mando os trem pra ele, porque por mais que eu tava errado quando eu tava andando com ele, ele me ajudou, né. Em algum momento ele me ajudou sim, conversava com a minha mãe.(...) Eu mando cigarro, pão, bolacha, esses trem, guaraná. Eu acho que ele não me entregô porque gosta de mim. A rua tem essas coisa do coleguismo, por mais que seja bandido, roba os trem, tem amizade boa. Numa dessa aí, eu podia tá preso também, eu tava com ele, e a câmara filmou nós dois e eles apanha pra contá, né.. Na fornalha tem câmara e filmou nós dois.(...). Visitá ele eu não vou não. Dá medo de chegá lá dentro e o cara te prendê, falá: não esse aí tava comigo também, fica meio assim, né. Ocê fica meio cismado. – Jacks

Jacks quando relaciona o fato do ex-colega de rua e de furto não tê-lo entregue à polícia como co-autor no assalto à panificadora, em decorrência da solidariedade e amizade existente entre os companheiros, na prática é passível de questionamento, haja vista que, tal atitude possa estar imbricada muito mais com a rede de regras e condutas impostas e compartilhadas pelos habitantes da rua, do que diretamente ligado unicamente a fatores como amizade e solidariedade. A permanência e sobrevivência na rua, implicam numa série de comportamentos que não aceitam dentre muitas coisas, aquilo que os garotos sintetizam como “caguetagem”, e que equivale a delação, de modo que provavelmente o rapaz preso, não tenha entregado Jacks à polícia porque saiba das implicações e consequências de um ato como este, para quem constrói sua existência no âmbito da rua.

Dentre os muitos significados da rua, esta sob a ótica dos meninos está quase sempre associada a sinônimo de liberdade. Liberdade de poder apropriar-se do tempo e do espaço com uma dimensão nada comparável às restrições que recaem sobre o cotidiano daqueles que vivem sob a batuta do grupo familiar durante todo o tempo. Mediante o pensamento de FAUSTO & CERVINI, um dos pontos positivos da rua consiste em que:

“Na rua não se tem hora certa para fazer o que se quer, nem é obrigado a fazer ou deixar de fazer seja lá o que for. Viver na rua significa, pois, não ter pai, nem patrão. (...) além de se poder tomar, com o tempo e o espaço, uma liberdade inconcebível para o menino de casa,

consegue-se alcançar uma antecipação considerável da capacidade de dispor do próprio corpo, no que se refere às relações sexuais e ao consumo de drogas”.³⁵

Vivendo num ritmo amplamente divergente do dia-a-dia no universo da casa, o que se altera estando ou trabalhando na rua não é somente a intensidade e velocidade das coisas que se vive, mas, sobretudo, o que se modifica são as formas de apreensão da vida, os valores, as concepções, e nesta metamorfose inesgotável, em que liberdade se relaciona com autonomia, tudo o que os meninos querem e pretendem é poder ser donos de si mesmos, das suas vidas, do seu tempo e do espaço, escolhendo inclusive, aonde, quando, como, com quem ir, estar e permanecer, decidindo sobre o que fazer e não fazer, enfim, sendo tutores de seu próprios atos, senhores dos seus destinos, é o que nos conta o garoto Jacks:

“Não, na rua é bão demais. Eu penso assim: não, eu sou livre, né. Ninguém manda em mim, eu faço o que eu quero. A gente é livre, tem liberdade, ninguém manda, faz o que quer, vai onde quer, qualquer hora, conversa com um aqui, outro ali, não tem ninguém pra enchê o saco”. – Jacks.

Os “meus meninos” mostraram uma sensibilidade com relação ao tempo, que diverge do tempo cronológico, controlado pelo relógio, que dita um momento pré-determinado para cada coisa, em que tudo parece ter hora certa para acontecer, e que o passado perde importância frente o presente e o futuro, se constituindo no já esquecido e ultrapassado, porque já vivido. Longe de revelarem compartilhar da noção burguesa de que tempo é dinheiro e, que por isso cada instante é precioso e destinado a uma dada atividade, a maior parte deles demonstraram um descompromisso por esse molde de concepção do tempo como construtor do futuro, se preocupando unicamente com o momento que vivem, ou seja, com o presente imediato, relegando o futuro a segundo plano, porque o presente é urgente e precisa ser vivido com intensidade, seja para se divertir, ou mesmo para trabalhar, uma vez que disso depende a satisfação de suas expectativas.

O tempo para eles mostrou ser o tempo real de duração do assalto, o momento da mendicância, da brincadeira, da euforia da droga, da paquera, de modo que todo o resto perde importância frente ao imediatismo do presente. Pode ser que isto tenha se

³⁵ FAUSTO, Airton & CERVINI, Ruben (org). Op. cit, pág.145.

dado também em função de que às vezes fica difícil imaginar, planejar, quando a incerteza, a insegurança, a falta de oportunidades diz que não vale à pena sonhar, porque numa dada hora vai ser preciso acordar e viver a realidade. Isso ficou evidente na maioria das vezes que tentei fazer com que me falassem sobre seus planos para o futuro:

“Ah, eu não penso nisso não, eu só peço pra sê melhor do que foi. Eu não sô de planejá não, o que vim pra mim já é lucro. Eu vivo é o presente, eu nem sei se amanhã eu vô amanhecê vivo”. – Celim.

Discorrendo acerca desta multiplicidade de significados que a rua adquire na vida dos meninos com vivência de rua, sintetiza Aparecida Darc:

“A passagem da casa para a rua é um processo complexo, que envolve também as expectativas desses menores. E, neste sentido, a decisão de não voltar para casa e de ficar na rua é também uma reação á miséria, às práticas de dominação e tutela tão presentes na família, nas escolas e nas instituições de reclusão. A rua tornou-se o campo das possibilidades, de conseguir o que em casa e no bairro periférico eles não poderiam conseguir. (...) A rua é, dessa forma, um espaço contraditório, pois tornou-se, ao mesmo tempo, símbolo de liberdade e prazer e de miséria e violência”.³⁶

Esta contradição que associa prazer à miséria, liberdade à violência, se expressa pelo fato de que muitas vezes, como já dissemos antes, a rua viabiliza a amenização das privações materiais, satisfazendo necessidades e expectativas de toda sorte para os meninos, bem como propiciando a oportunidade de fuga da dominação vivida no espaço da casa, o que confere ao mundo da rua uma conotação de liberdade e prazer. Jacks ao falar da falta que sentiu da sua casa, numa fase em que fora expulso desta pela sua mãe, numa atitude de desespero pelo envolvimento dele com drogas e furtos, termina revelando que nem tudo são flores na vida na rua:

“Vivê na rua é difícil. Ocê querê e não tê onde dormi, não tê o que comê. Eu cheguei a ficá diretão na rua, na época que a minha mãe me pôs pra fora de casa. Eu cheguei a ficá quinze dia só na rua assim, fumando droga, cheirando tiner, só. Eu ficava de lugar a lugar, ocê vai ali, pedi comida ali num bar. Ganhava pouco, mas ganhava. Mas dormi mesmo, era no

³⁶ SOUZA, Aparecida Darc de. Op. cit, pág. 115-116.

tempo memo. É embaçado, aí depois que ela te manda embora assim, é que ocê vai pensá: nó, eu tinha a minha cama lá, banho quentinho, aí ocê dá vontade de voltá. Ocê fala: nó o quê que eu fiz? – Jacks

Nesta perspectiva, a rua é destronada do status de paraíso e lançada à condição de lugar da degradação e do infortúnio, porque além de impor a miséria absoluta, maior até mesmo do que a pobreza experienciada no lar pela maioria dos meninos, o espaço urbano ainda representa o lugar dos riscos, local da violência, manifesta sob inúmeras formas, seja pelas brigas de rua entre gangues rivais, que muitas vezes terminam em assassinatos, seja ainda, nos riscos que o empreendimento do trabalho, da mendicância e dos furtos pelas ruas representa, e ainda, na truculência policial dispensada aos habitantes da rua. Os depoimentos dos garotos que ouvi tornam possível entender um pouco sobre essa outra face da rua, revelando um lado perigoso e hostil da mesma, em que a violência pode vir de qualquer lado, podendo partir dos integrantes de um mesmo grupo, ou de turmas inimigas, ou ainda, daqueles que têm como ofício o combate da violência, de modo que, a violência inferida pelos meninos, ao dobrar a esquina se defronta com a dos policiais e fazem das ruas um verdadeiro campo de batalhas.

Durante a realização das entrevistas, foi comum entre as falas de alguns garotos, o fato de terem contado que haviam presenciado a morte de colegas na rua. Celim quando falava da sua situação frente aos conflitos envolvendo gangues de rua relatou um episódio de violência indiscriminada ocorrido em Araguari.

“Na época eu não podia nem chegá perto do bairro de Fátima, se eu chegasse lá, eu apanhava.(...) Eu já vi um cara morrê perto de mim, o Manso. No ano passado saiu eu, meu irmão e um colega meu, aí nós tava lá na avenida Teodolito, perto do Capitão Bacalhau, ali, né. Aí meu irmão caçou uma briga com um cara lá, brigou e bateu no cara, aí eles tinha rivalidade com os cara do Santa Helena, aí os cara do Santa Helena foi pra cima dele, derrubou ele, aí eu não sei como é que ele fez que conseguiu corrê, chegando ali perto do Cartório Eleitoral, o cara chegou perto dele, deu uma de corpo nele e ele caiu no chão. Os cara juntô e começô a batê nele. Esse dia eles não tava com arma, aí um cara deles, não sei quem foi, pegou a pedra, um negócio de paralepípedo e tacou na cabeça dele e quebrou a cabeça dele. Aí ele ficou uns tempo no hospital e morreu”.

Com relação ao tratamento dos policiais frente os meninos que ficam na rua me contou Eltim que pôde falar com algum respauço porque já estivera preso por ter brigado e quase matado um integrante de gangue do bairro inimigo:

“O meu envolvimento com a polícia foi por causa de briga, eu não fui preso no dia da briga, passado uns tempo eles me mandaram uma ordem de prisão. No primeiro dia que eu entrei lá, eu tive que dá as roupa pra os outros preso, tem que dá os trem.(...) Depois que a gente já tá preso, os policia trata a gente melhor do que antes quando tava na rua andando de turma , porque é assim, tem vez que a gente tá andando na rua, a polícia vai e pára já dá tapa na cabeça manda acabá com os baculejo sem sabê se tem ou não. Teve uma vez que eu tava na porta da menina, aí eles chamô nós, levou pra uma casinha lá, e começô a conversá e batê. Como eu era o maior deles lá, bateu mais em mim, né. E nós não tava fazendo nada, só tava paquerando umas menina. (...) No dia que eu fui preso, a polícia chego, ficô me acusando de morte, nisso eu comecei a falá que ia tacá pedra, aí eles pegô e me prendeu”.

A vida na rua pressupõe riscos, porque todas as atividades que acontecem no circuito desta, de algum modo, expõe seus habitantes a uma gama incalculável de perigos, e, portanto, o trabalho e a permanência na rua, implica naturalmente, no enfrentamento diário da possibilidade de comprometimento da vida, enfim, no convívio com a possibilidade iminente de risco de morte. Os meninos que ficam pelas ruas, demonstram construir uma noção de vida que se opõe à noção de morte, revelando compartilhar da idéia de que viver significa apenas estar vivo, não ter sido vencido pela morte. Conversando com eles sobre o que faziam nos momentos que estavam nas ruas, muitas vezes, me assustei com a dimensão de perigo com a qual eles conviviam, chocando-me ainda mais, com o modo como a maioria deles lidavam com a possibilidade por vezes tão próxima de risco de vida.

“Ah, eu fiz assalto aí, já meti fogo nuns moleque do Santa Helena, que eu tenho treta com eles, né. Teve uma vez, que só porque eu cheguei na casa de um tio meu que mora lá, eles veio pra querê me batê. Eu tava com o revólver em cima, então eu ranquei pra eles. Eles queria me batê só porque eu tava lá, e andava com uns colega meu aqui em cima, do Santa Terezinha. O povo daqui de cima tudo é rival do Santa Helena. (...) Quase num dá pra chegá lá, mas eu vô lá, de vez em quando eu vô lá. Mas esse dia eu ranquei pra eles. Eles chegô e falô assim: é, ocê anda com o fulano, ocê anda com o beltrano, aí eu falei: ando uai, eles é meu amigo. Aí eles falo: é vai morrê agora. Eu dei dois passo pra trás e ranquei o 38 pra eles e falei: então vem, uai. Aí eles pegô e: não, não sai de boa.(...) Esse dia se eu não tivesse armado eles tinha me batido e matado lá, porque eles tão matando muitos nego aí, matou o Manso lá na avenida”. – Jacks.

Tanto quando os meninos ouvidos se constituíram no alvo da violência e tiveram sua integridade física comprometida, quanto nos momentos que a violência partia deles próprios implicando em mortes, extermínios de outros indivíduos, é aterrador observarmos que muitas vezes o sentimento diante da morte, seja quando presenciavam outras pessoas, e até amigos sendo assassinados, ou quando eles mesmos colocavam em risco suas vidas ou de seus adversários, o que se expressa é uma banalização da vida diante do perigo ou iminência da morte, de modo que o medo quase sempre parecia sucumbir-se mediante o fascínio pelo desafio, pela vontade de demonstrar poder, bem como o arrependimento por atitudes violentas que determinaram em surras, espancamentos e até mortes, dava lugar a sensação de alívio e prazer pela vitória diante de um suposto inimigo, ou seja, o que sobressaía era a idéia: “antes ele do que eu”.

Nesse jogo entre viver ou morrer, lutar ou se entregar, pedir ou roubar, trabalhar ou divertir-se, ou seja, na insistência por existir, “meus meninos” fazem uso da rua como local não somente de luta pela sobrevivência, mas também como escola onde adquirem saberes, apropriando-se da rua como um verdadeiro parque de diversões e amizades, vivendo-a como um safári de aventuras, ou ainda, como um ringue em que se testam os limites, vence desafios e se sente livre, pronto para voar, zoar, e até mesmo destruir-se, enfim, a rua pensada, sentida e vivida de inúmeras maneiras, mas sempre a rua como fascínio, trabalho ou descaminho.

Considerações Finais

Agora, ao final deste meu primeiro trabalho, quando tudo o que resta é tentar fechar a discussão, eis que o sentimento de impotência diante da incumbência de sintetizar as histórias dos meninos com vivência de rua na cidade de Araguari, se torna por demais onerosa, porque neste estágio, em que normalmente a pesquisadora ao concluir sua tarefa devia olhar para trás e ver que respondeu as questões a que se propôs anteriormente, na verdade embora possa alegrar-se por ter conquistado algumas respostas, se depara com o fato de que deu menos resposta do que pretendia, porque ao enveredar por um universo tão complexo e dinâmico, como o é a própria vida e o

circuito da rua, acaba percebendo que surgiram outras perguntas e muito mais a dizer sobre os meninos de rua.

Mas ainda assim, me aventuro a apresentar algumas considerações finais, mais no sentido de compartilhar um pouco do que significou a experiência de ter ouvido e conhecido os garotos, do que com a pretensão de tecer reflexões que fechem a discussão.

Devo confessar que no início, ao eleger esta temática para pesquisa não tinha uma idéia muito nítida do que encontraria pela frente, nem tão pouco do que significaria para minha história pessoal de vida, ter me aproximado tanto dos meus entrevistados, desvendando, por conseguinte, seus dramas, suas dificuldades, suas necessidades, suas expectativas, enfim, suas realidades de vida nas ruas.

Quando o que se está em jogo são vidas humanas, tudo se transfigura e adquire uma dimensão gigantesca, ainda mais, quando se trata de lidar com crianças e com adolescentes que têm como histórico de vida, a carência material e afetiva, a revolta pela desconsideração, abandono e descaso social, que convivem com a violência não somente dos seus pais, mas também da sociedade como um todo, que é revidada por eles com arsenal de atitudes ainda mais violentas, mas que carregam consigo também os sonhos sufocados, a alegria no olhar, a espontaneidade no falar e agir, e ainda a energia e vontade de viver, tão próprias de qualquer menino da idade deles.

Neste ínterim, me sentindo perdida, amedrontada, muitas vezes à caça dos meninos pelas ruas, a angústia, se fez companheira inseparável, única amiga de todas as horas no trabalho de campo, mas tudo isso contribuiu para que eu compreendesse um pouco do muito que os meus interlocutores experimentam quando estão nas ruas. É preciso destacar, que não é fácil estar e andar pela rua sem destino certo, ainda mais para uma pesquisadora, que esperava encontrar nas ruas, meninos desamparados, desprotegidos, e por isso mesmo, todos dóceis, frágeis, mas deparou-se com alguns moços altos, fortes, hostis e violentos, que não perdiam tempo, tentando se insinuar ou ameaçando, mesmo quando concediam à entrevista, meio desconfiados quanto ao destino que eu daria às informações. Durante os meses de realização da pesquisa, precisei lidar com o medo da reação dos meninos, dos riscos que a rua oferece, bem como com a maledicência e o olhar desconfiado das pessoas e até da polícia por estar muitas vezes até altas horas da noite na rua, sentada em paralelepípedos, em bancos de praça, de modo que senti na pele a discriminação vivida pelos habitantes da rua.

A tristeza, a revolta, a culpa e a sensação de impotência enquanto pessoa e cidadã afloraram inúmeras vezes, mas uma situação foi particularmente dolorosa para mim, que embora tentasse desvendar sobre o mundo dos meninos com vivência de rua, desconhecia os detalhes cruéis de uma realidade tão sórdida de pobreza e injustiça social compartilhada pela maioria deles. Num belo dia a convite do funcionário do COMEM, que acompanhava diretamente os meninos e suas respectivas famílias, com visitas quase diárias às suas casas, eu decidi acompanhá-lo até a casa de Celim, com a proposta de entregarmos pessoalmente um colchão que havíamos conseguido como doação ao garoto, que dias antes em decorrência da passagem de seu aniversário, deixou escapar, como quem quer fazer entender, que o presente que ele gostaria de ganhar era um colchão, pois segundo ele estava dormindo no chão puro.

Meu coração ficou doído com aquela revelação, e como qualquer outro ser humano com o mínimo de solidariedade, me despi da roupagem da pesquisadora, e me uni ao funcionário para presentear o menino com algo que julgava tão básico em qualquer casa, mas que faltava na casa de Celim. Chegando ao local, o golpe final foi dado às minhas ilusões. A parte da frente do terreno, que comumente é destinada à edificação das casas, naquela realidade, dava lugar preferencialmente a um galinheiro, e a casa, se é que pode ser definida assim, porque se tratasse mais de um barraco, ficava no fundo do quintal.

Ao nos aproximarmos, deparei com uma cena que me aterrorizou, tirou lágrimas dos olhos e deixou marcas indeléveis que o tempo não tem conseguido apagar. Encontramos Celim estirado ao chão, logo na primeira repartição do casebre marcado pela mais profunda miséria, tanto fora, quanto em seu interior, dormindo profundamente sob o efeito de uma noite intensa de uso de drogas, com os olhos abertos, estatelados e voltados para o teto, acompanhado por uma galinha que do lado velava seu sono, pronta para bicar seu olho a qualquer momento. Como esquecer um quadro tão expressivo do comprometimento absoluto da dignidade de vida, de um adolescente que me pediu de presente um colchão, porque lhe faltasse quase tudo, mas, sobretudo, porque tivesse sido usurpado da possibilidade ao respeito, a cidadania e a dignidade de vida?

Essa é apenas uma das muitas histórias que presenciei e ouvi, por isso, longe de tentar definir, sintetizar as histórias desses meninos inseridos no universo das ruas araguarinas, me eximo da condição de porta-voz dos mesmos, preferindo deixar que eles falem por si mesmos, e digam quem são, como vivem, o que pensam e como agem, porque se eu viesse a fazê-lo talvez incorresse no risco de caracterizá-los unicamente

como vítimas inocentes de um modelo econômico, político e social injusto e desigual, o que condiz com parte da verdade, mas que não revela como funciona a cabeça desses meninos diante deste quadro de realidade.

Diante de uma tendência quase unânime da sociedade que insiste em julgar os meninos de rua, imputando-lhes o papel de bandidos ou de coitadinhos, optei por não simplificá-los, fazendo com que se encaixem em um ou em outro protótipo, prefiro apenas fazer com que fique claro que não é possível uma generalização.

A compreensão do imaginário destes meninos talvez revele mais do que qualquer coisa que eu pudesse vir a dizer, de modo que para fechar a discussão eu passo a palavra a dois dos “meus meninos”. O primeiro a falar é Tim, um flanelinha que com seus treze anos de idade expressa bem como gostaria de ser sintetizado, ao me contar sobre coisas legais que já viveu estando na rua:

“Esses dia foi muito legal, nós tava aqui na porta (bosque), aí na hora que um moleque ia robá uma veinha que tava passando, eu peguei e saí correndo atrás dele, taquei um pano na perna dele e ele caiu. Eu peguei a bolsa e entreguei pra vêia. Ela ficô muito agradecida, ela até queria me dá dinheiro, só que eu não aceitei”.

O outro garoto a quem dou o direito de voz é Jacks, que ao falar sobre suas atividades na rua, ou seja, sobre o uso de drogas, as brigas de rua, e os assaltos que fazia, refletindo um pouco acerca das conseqüências de tais atos para sua vida, acaba revelando a imagem que sempre pretendeu difundir sobre si mesmo:

“Na época eu queria era que os outro tivesse medo memo, eu não tava nem aí se eu tava queimando o meu filme não. Na época todo lugar que eu ia era isso memo, tava bão, não esquentava, né. Tava ali pra o que dé e vié. Se chamasse pra brigá eu ia, matá ocê ia. Mas eu nunca cheguei a matá ninguém não, era só caô memo, pra botá pressão. (...) Eu mexia com droga era em esquina assim, todo mundo via. Pra mim era bão que visse memo. Eu pensava: nó, agora ele vai tê medo de mim. (...) Eu queria era que o povo me respeitasse, que conhecesse a minha fama. Às vez a gente qué é sê bandido, né. Fala: não, eu vô sê bandido, não sei o quê. Ocê qué tê altas arma, esse tipo de coisa”.

Nos dois casos os meninos destacam duas imagens distintas sobre como querem ser vistos, de modo que, Tim não deixa nada a desejar para nenhum super-herói dos desenhos animados que costuma ver, relacionando a rua como possibilidade de

aventura, e construindo uma idéia dele próprio como o herói de boa índole que salva a pobre velhinha em perigo. Talvez sua intenção tenha sido a de me dizer que ele não era o bandido, o pivete, o moleque de rua que todo mundo costuma dizer que os meninos de rua são, inocentando-se desta condição. De modo completamente diferente, Jacks ressalta a construção de uma auto-imagem negativa, identificando-se com os estereótipos criados pela sociedade acerca dos meninos de rua, ou seja, buscava se identificar com a imagem do anti-herói construída pelo imaginário social, que relaciona os meninos de rua como bandidos em potencial. Jacks para conseguir o reconhecimento da sociedade nesse universo de exclusão e marginalização social que o circunda optou em comportar-se como se esperava de um garoto na sua situação, ou seja, passou a vender a imagem do viciado e do ladrão violento que o senso comum via nele.

Nesse jogo de discussão e julgamento entre bandido e herói, muito se têm a dizer sobre os meninos de rua, mas por hora não nos compete dar o veredito final. Tudo o que é preciso destacar, consiste no fato de que esse cenário social caracterizado atualmente pela violência, só poderá ser superado quando novas posturas forem adotadas, no que tange ao implemento de políticas públicas voltadas à infância e adolescência pobre, no sentido de evitarem a saída e permanência dos meninos pelas ruas.

Referência Bibliográfica

- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Guanabara: Rio de Janeiro, 1981.
- AMARANTE, Napoleão X. do. *Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado*. 3.ed. Editora Malheiros. São Paulo, 1998.
- ARANTES, Antônio A. *Paisagens Paulistas: Transformações do Espaço Público*. Ed. Unicamp, Imprensa Oficial, 2000.
- CERVINI, R. & BURGER, F. *O menor trabalhador no Brasil Urbano dos anos 80*. In: *Trabalho e Rua: crianças e adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência – Aspectos da cultura popular no Brasil*. 1º ed. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1986.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes. *O estatuto da criança e do adolescente e o trabalho infantil no Brasil: trajetória, situação atual e perspectivas*. São Paulo: LTR, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua – Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DIMENSTEIN, Gilberto. *Guerra dos meninos: assassinatos de menores no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DIÓGENES, Glória. *A cidade e a casa: Exclusão e Violência na Infância*. In: *Infância e Adolescência em discussão*. Fortaleza, NUCEPEC- Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Infância, 1994.
- FAUSTO, Ayrton & CERVINI, Ruben.(org). *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1996.
- FISHER, Rosa Maria. *Meninos de rua: expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: s. n, 19.
- GINSBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- HUTZ, Cláudio Simon& KOLLER, Sílvia Helena. *Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci-artex&pid=1413-294X1997000100011 Acesso em 12/10/2004.
- LIMA, Glaucinéia Gomez de. *A criança de rua e a ordem simbólica: o lugar da criança em questão*. Natal: s.n,1997.

- MATOS, Raquel Neves. *Pela paz que eu não quero seguir admitindo: História de vida dos adolescentes internos no CISAU*. Monografia. Uberlândia: UFU, Instituto de História, 2003.
- MEDEIROS, Marcelo. *Olhando a lua pelo mundo da rua: representações sociais da experiência de vida de meninos em situação de rua*.
- PASSETTI, Edson. *O que é o menor*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- QUEIROZ, José J. (org). *O mundo do menor infrator*. – Coleção teoria e práticas sociais, 3 ed. Campinas: Editora Autores Associados, 1985.
- SADER, Emir e BIERREBACH, Maria Inês. *Fogo no pavilhão: uma proposta de liberdade para o menor*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- SANTOS, Milton. *A pobreza urbana*. SP: Hucitec, 1979.
- SOUZA, Aparecida Darc de. *Capitães do asfalto: Infância e adolescência pobres na cidade de Uberlândia (1985-1995)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1998.
- VIEIRA, Paulo Henrique de Deus. *O processo educativo dos meninos de rua*. Monografia Uberlândia: UFU. Instituto de História, 2005.
- ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social*. São Paulo: Campinas, SP: Escuta UNICAMP, 1994.